

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE MARINGÁ

ISABELA BUZO MATTIOLI

FESTA DE SÃO JOÃO DE SEO ZICO BORGHI: OBJETO DE MEMÓRIA DO  
PATRIMÔNIO IMATERIAL DE MARINGÁ

MARINGÁ

2009

ISABELA BUZO MATTIOLI

FESTA DE SÃO JOÃO DE SEO ZICO BORGHI: OBJETO DE MEMÓRIA DO  
PARIMÔNIO IMATERIAL DE MARINGÁ

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, do Centro Universitário de Maringá (CESUMAR), como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, com orientação da Prof. Dra. Sheilla Patrícia de Souza.

MARINGÁ

2009

ISABELA BUZO MATTIOLLI

**FESTA DE SÃO JOÃO DE SEO ZICO BORGHI: OBJETO DE MEMÓRIA DO  
PATRIMÔNIO IMATERIAL DE MARINGÁ**

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, do Centro Universitário de Maringá (CESUMAR), como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, com orientação da Prof. Dra. Sheilla Patrícia de Souza.

**BANCA EXAMINADORA**

ORIENTADORA -----  
Prof. Dra. Sheilla Patrícia de Souza CESUMAR

MEMBRO -----  
Prof. Esp. Antônio Paulino dos Santos Júnior

MEMBRO -----  
Prof. Mas. Meire Lóde Nunes

Aos meus avós Conceição Dias Bronze Buzo (*in memoriam*) E Antonio Buzo (*in memoriam*); Zenaide Colontônio Mattioli e Antonio Mattioli por terem feito parte da audiência dessa expressão da cultura popular.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Rosivaldo Mattioli por ter me apresentado a festa de São João de Seo Zico Borghi.

À minha mãe, Isabel Buzo Mattioli, pela dedicação e paciência sem limites. Obrigado pelo voto de confiança, mais uma vez.

À Sheilla Patrícia de Souza, pela delicadeza em aceitar o convite para ser orientadora do meu trabalho monográfico. Hoje sei que você simplesmente não “caiu de pára-quedas” em meio a folkcomunicação, como uma vez mencionei.

Aos meus amigos da turma de 2005/2008, que me apoiaram em seguir em frente, pois “sempre é tempo de começar de novo”.

Aos meus familiares que sempre serviram como base, entre eles meu avô, Antônio Mattioli, que me inspirou para a composição deste trabalho e a busca pela temática acerca das origens da nossa família na região rural do Paraná.

Ao amor e companhia de Leandro Benavide, que foram fundamentais para a produção deste trabalho. Seja na decupagem das entrevistas ou caminhando ao meu lado e motivando meus dias.

E, finalmente, à Annibal Borghi por ter feito toda a diferença no trabalho apresentado. Meus sinceros agradecimentos. Viva São João! Viva Seo Zico!

## RESUMO

O trabalho monográfico sobre a Festa de São João de Seo Zico Borghi tem o intuito de valorizar essa manifestação da cultura popular, que mantém características tradicionais, herdadas, modificadas e carregadas de significados. Como a festa consegue manter essa tradição hoje e, de que forma ela pode ser analisada como objeto de memória cultural por meio de elementos da folkcomunicação, são perspectivas que serão abordadas no decorrer deste trabalho, por meio de uma pesquisa de campo contendo olhares de quem tem a festa como paixão e vivência.

Palavras-chave: Festa de São João, Cultura Popular, Folkcomunicação, Memória.

## **ABSTRACT**

The monograph on the Feast of St. John Seo Zico Borghi aims to enhance the expression of popular culture, which maintains traditional features inherited, modified and laden with meaning. As the party can maintain that tradition today, and how it can be seen as an object of cultural memory through elements of Folkcomunicação are prospects that will be addressed in this paper, through a field containing eyes of those who have the party as passion and experience.

Word-keys: Feast of St. John, Popular Culture, Folkcomunicação, Memory.

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Diagrama por Luiz Beltrão .....	19
--	----

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>2. FOLKCOMUNICAÇÃO NOS ESTUDOS MIDIÁTICOS</b> .....	<b>14</b>
2.1 O LÍDER DE OPINIÃO .....	16
2.2 A AUDIÊNCIA FOLK .....	19
2.2.1 Os grupos rurais marginalizados .....	20
<b>3. ENTRE O PROFANO E O SAGRADO: CONHECENDO A FESTA JUNINA POR DENTRO</b> .....	<b>22</b>
<b>4. OLHARES, MEMÓRIAS E FOGUEIRAS: A FESTA DE SÃO JOÃO DE ANNÍBAL BORGHI</b> .....	<b>26</b>
4.1 OS SANTOS JUNINOS .....	27
4.1.1 Santo Casamenteiro .....	28
4.1.2 João e a fogueira .....	29
4.1.3 O guardião do céu .....	30
4.2 RITOS E TRADIÇÕES POPULARES .....	30
4.2.1 A culinária da roça .....	30
4.2.2 Casamento caipira, quadrilha e “moda limpa banco” .....	32
4.2 Pau de Sebo .....	34
4.3 PROPAGANDA ORAL .....	35
4.4 PATRIMÔNIO IMATERIAL DE MARINGÁ .....	36
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>38</b>
<b>6 REFERÊNCIAS</b>	
<b>7 APÊDICES</b>	

## INTRODUÇÃO

As festas ditas juninas, comemoradas em boa parte do Brasil no mês de junho, segundo Costa Silva (2008) fazem parte de uma herança cultural proveniente da época da colonização portuguesa, já com caráter religioso. Os europeus que para cá vieram, trouxeram alguns costumes festivos, praticados por eles desde meados do século XII os quais comemoravam os chamados solstícios de verão do hemisfério Norte (dia mais longo do ano – geralmente no dia 23 de junho - véspera do período de colheitas) – destaque para os celtas, que cultuavam elementos da natureza.

Essas celebrações tinham origem pagã, como bem lembra Costa Silva (2008), assim como outros cultos e ritos que também contribuíram para o caráter profano da festividade junina. Como, na época, os portugueses estavam esforçados em catequizar os brasileiros, aos poucos essas festividades foram incorporando traços da religião católica, como os dias dos principais santos do mês: Santo Antonio (13), São João (24) e São Pedro (29), fazendo com que a festa também possuísse uma explicação divina.

As chamadas festas juninas costumam, então, englobar essas três datas como forma de expressão popular de caráter religioso, porém, utilizando elementos que elucidam as suas origens pagãs. De acordo com Costa Silva (2008), as práticas realizadas nas festas juninas, remontam significados históricos muito antigos que vão além da religiosidade objetivada por meio das imagens de santos. Elementos como a fogueira, por exemplo, foram inseridos nessas festividades, sobretudo na festa de São João, devido a outros símbolos exteriores à religiosidade - no caso da fogueira que, segundo Araújo (1973), revive outro contexto, o culto ao fogo, onde as famílias pirolátricas – que praticavam a pirolatria que, em outras palavras tratava-se da adoração do fogo.

Em Maringá, norte-centro do Paraná, o dia de São João é comemorado de forma tradicional na véspera do santo homenageado, dia 23 de junho, desde 1982, em uma comunidade rural da cidade (Gleba Pingüim). A ideia de festejar o dia do santo partiu do pioneiro Annibal Borghi, que veio para Maringá em 1946 e comprou o sítio Boa Esperança no ano de 1975 (localizado na Gleba). Seu Zico Borghi, como é conhecido, idealizou a manifestação popular juntamente com vizinhos e familiares e pontuou ritos típicos dando maior credibilidade à festa como manifestação da cultura popular e folclórica. O festejo se inicia, então, no dia 23 de junho, a partir das

19 horas com a celebração da missa católica e a reza do terço – em homenagem aos três santos de junho – após isso é feita uma pequena procissão. O mastro com a imagem dos três santos é erguido e passa-se a fazer os pedidos endereçados aos santos juninos (Antônio, João e Pedro). Finda esta parte mais religiosa da celebração, inicia-se então os festejos com a queima de foguetes, baile com sanfoneiro e viola, dança da quadrilha, casamento caipira, pau-de-sebo, comidas e bebidas típicas (quentão, pipoca, entre outros) e termina a meia-noite com a tradicional caminhada pela brasa (da fogueira). Como expressão popular a festa se iniciou como uma celebração entre os moradores da zona rural, de forma gratuita, com propaganda oral, ou como diz Seo Zico, “de boca em boca”.

A cada ano, a Festa de São João do Seo Zico Borghi ganha destaque e, em 2008, foi tombada pela Secretaria da Cultura de Maringá, como Patrimônio Imaterial do município. O local onde ocorre a festa é um dos sítios embrionários de Maringá no sentido de povoamento.

Uma das abordagens do presente trabalho monográfico é de como essa festa junina idealizada pelo pioneiro Anníbal Borghi consegue expressar e manter as manifestações culturais tradicionais na atualidade, e de que forma essa festa pode ser tratada como um objeto de memória cultural, por meio de elementos da folkcomunicação.

O trabalho monográfico acerca da Festa de São João de Seu Zico Borgui (realizada na zona rural de Maringá) tem o intuito de trazer para o conhecimento geral a importância da valorização dessa manifestação popular, que possui características tradicionais e remotas de uma cultura que nos foi herdada por meio da colonização portuguesa, carregada de significados sociais e religiosos.

A escolha por essa forma de apresentação da pesquisa, trabalho monográfico, se deu pelo fato da festa ser hoje considerada como um patrimônio imaterial da cidade de Maringá, porém não ser reconhecida como tal, por boa parte da população. E como trata-se de um decreto recente, realizado no ano de 2008, tal trabalho se faz relevante, principalmente na área da comunicação que elucida os ideais do folclore e da cultura popular, que é a folkcomunicação elucidada pelo jornalista Luís Beltrão, oficialmente em 1967.

Por meio da pesquisa, também será possível realizar outras análises desta manifestação popular e entender a importância dos líderes de opinião nesse tipo de movimento cultural para a população local. Os estudos também serão uma forma de

divulgar esta festa, de cunho popular, que é acessível a boa parte da população e carrega elementos tradicionais, diferentes das festas juninas realizadas no meio urbano (a festa junina da zona 07, por exemplo).

Levantar e analisar as expressões da folkcomunicação e cultura popular da “Festa de São João de Seo Zico Borghi”, como uma forma de objeto de memória cultural sendo, a festa, considerada patrimônio imaterial da cidade, é um dos objetivos desse trabalho, além é claro de estudar a festa de São João como uma manifestação folkcomunicativa; compreender as práticas culturais que expressam as emoções/sentimentos e significados dos elementos que constituem a manifestação; mostrar, por meio de observações de campo, entrevistas e análises, o acervo cultural e documental dessa festa, identificando o líder de opinião e sua memória cultural.

Para isso foram enumerados três capítulos, com subseções pertinentes a cada um deles. O primeiro capítulo traz os conceitos que permeiam a folkcomunicação como disciplina da comunicação que, assim como elucida seu fundador “[...] é o processo de intercâmbio de mensagens através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore” BELTRÃO (1967, p. 73). Desta forma, a disciplina se faz pertinente à análise da festa de São João de Seo Zico Borghi – identificando o meio (festa) e seu agente (Anníbal Borghi), que ainda trará em voga questionamentos como líder de opinião, identidade, memória e resistência. Para isso utiliza-se bibliografias pertinentes ao assunto desde Luís Beltrão até seus seguidores (Marques de Melo, Castelo Branco, Schimidt e etc.).

O terceiro capítulo diz respeito ao dualismo que as festas de Santo Antônio, São João e São Pedro possuem no Brasil: o caráter profano/pagão e o sagrado/religioso. Por meio destas revelações buscadas em autores que investigam o folclore (Câmara Cascudo) e a cultura popular, são utilizados para aprofundar essas manifestações provenientes desde o início da colonização portuguesa, relembrando também os ritos e cultos remotos europeus, até a atualidade.

Para trabalhar com o paradigma profano/sagrado autores latino-americanos que dialogam diretamente com a cultura e a inserção e intercâmbio de manifestações e informações por povos diferentes, serão pesquisados. Nestas abordagens pode-se refletir sobre os valores transmitidos pelos colonizadores e o hibridismo proposto por Canclini (1982), que modifica e transforma essas manifestações intercambiadas.

No quarto capítulo analisa-se essas teorias e é quando a festa de São João de Seo Zico é apresentada: sua origem, participantes, organizadores, e é onde são lançados olhares de diversas pessoas que, direta ou indiretamente, fazem com que esta festa se torne possível.

Como consequência de todos esses assuntos interligados entre uma prosa ou outra, as impressões finais sobre o trabalho monográfico são reveladas, assim como as visões dos que contribuíram cativa ou cientificamente, para que ele fizesse jus à leitura vigente.

## 2. FOLKCOMUNICAÇÃO NOS ESTUDOS MIDIÁTICOS

A folkcomunicação se dá hoje, como um novo segmento de pesquisa dentro da comunicação. Constitui uma disciplina voltada aos meios populares de informação, e seu objeto de estudo encontra-se no campo da comunicação de massa e do folclore. Utiliza a linguagem popular e as mensagens veiculadas por ela como matéria-prima de suas pesquisas.

O termo ganhou espaço no meio acadêmico de comunicação social por meio do, até então, doutorando em comunicação pela UnB, Luís Beltrão de Andrade Lima (1918-1986). Brasileiro e nordestino de Olinda, onde nasceu em 8 de agosto de 1918, Beltrão iniciou suas atividades como jornalista no ano de 1936, no Diário de Pernambuco - primeiro como arquivista e depois procurando pautas, produzindo e editando notícias. Em 1959 - após trabalhar em órgãos da imprensa e se destacar frente à categoria, o jornalista passou a escrever livros, como "Iniciação à Filosofia do Jornalismo", que fez com que se dedicasse mais ao meio acadêmico. Foi inclusive com este livro, que o pernambucano recebeu em 1959 o Prêmio Orlando Dantas.

De acordo com Marques de Melo (2008), desde aquela época Luiz Beltrão se mostrou preocupado com a formação dos novos jornalistas e, a partir disto e de seu interesse pela área, começou a lecionar e a pesquisar sobre "[...] o processo de formação jornalística e seus gêneros fundamentais" (MARQUES DE MELO, 2008), lançando livros voltados para estudantes de jornalismo e também a primeira revista científica da área, "Comunicação & Problemas", publicada em 1965.

Este pioneirismo como cientista da comunicação e, principalmente, do jornalismo, fez com que Beltrão recebesse o convite para assumir a direção da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Durante quatro anos como Diretor da UnB (1965/1969), Beltrão trouxe em voga pela primeira vez o termo "folkcomunicação", em 1967, por meio de sua tese de doutorado defendida pela universidade em questão. Devido ao feito e a busca incessante pelo estudo da comunicação, Beltrão foi pioneiro também como doutor em comunicação, pois foi o primeiro a receber esse título de uma universidade brasileira.

A tese intitulada como "Folkcomunicação, um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressões de idéias", resgatou e interpretou elementos das teorias da comunicação de massa e da cultura popular, baseando-se nas teorias do *folk-lore* (valorização e interpretação da cultura popular)

e confrontando-as com paradigmas da *mass communication*, difusão industrial de símbolos, por meio de meios mecânicos ou eletrônicos, destinados a audiências amplas, anônimas e heterogêneas). Quem leu e aprovou a tese proposta por Beltrão foi o comunicólogo espanhol Juan Beneyto, o midiólogo norte-americano Hod Horton e o sociólogo brasileiro Roberto Lyra Filho, como bem lembra Marques de Melo (2008). “Ao aprovar a tese, a comissão julgadora outorgou também a Luiz Beltrão o primeiro grau de doutor em Comunicação conquistado em universidade brasileira.” (MARQUES DE MELO, 2008, p. 21)

Não tardou muito e a tese virou livro devido, principalmente, ao tema inédito proposto pelo cientista. Em 1971 foi publicado o livro “Comunicação e folclore”, pela Editora Melhoramentos - ampliando a ideia fora do campus da UNB, que rendeu a “decapitação” da introdução do livro, por motivos mercadológicos da editora. Marques de Melo (2008) elucida que embora o jornalista tenha como base o estudo do *mass communication* e de teorias norte-americanas, foi com o folclorista Edilson Carneiro, em primeira instância e até do célebre Câmara Cascudo, que Beltrão entrou em contato com as manifestações populares do folclore e de sua dinâmica.

De acordo com seu idealizador a folkcomunicação “é o processo de intercâmbio de mensagens através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore.” (BELTRÃO, 1971,p. 73). Desta forma, ela consiste em expressões, práticas e elementos de culturas longínquas, que são conservadas pela tradição oral e pela preservação dos grupos marginalizados, que se difundem ao entrar em contato com outras culturas demarcadas por espaços e tempos diferentes, (BELTRÃO, 1971, p. 77). Baseando no folclore proposto e vivido por Edson Carneiro, Beltrão teoriza a folkcomunicação que explica esse sincretismo entre culturas distintas.

[...] sobre a pressão da vida social, o povo atualiza, reinterpreta e readapta constantemente os seus modos de sentir, pensar e agir em relação aos fatos da sociedade e aos dados culturais do tempo’, fazendo-o através do folclore que é dinâmico porque ‘não obstante partilhar, em boa porcentagem, da tradição e caracterizar-se pela resistência à moda [...] é sempre, ao mesmo tempo que uma acomodação, um comentário e uma reivindicação. (CARNEIRO apud BELTRÃO, 1971, p. 78)

Beltrão considerou que a nova disciplina proposta por ele, era capaz de formular uma teoria de intercâmbio de informação e ideias entre dois “brasis”, tanto no interesse, como na “afirmação do desenvolvimento nacional” (BELTRÃO, 1971,

p. 80). Para utilizar a teoria e transpor a heterogeneidade desses 'brasis' citados por Beltrão, deve-se conhecer a fundo aquilo que foi postulado por ele. A folkcomunicação começou a tomar forma na mente inquieta do pesquisador ao entrar em contato com teorias comunicacionais norte-americanas (MARQUES DE MELO, 2008, p. 29)

Essas teorias do *mass communication* apontavam falhas no sistema de comunicação de massa, que postulavam entre o emissor, por meio do veículo de comunicação de massa, e o receptor, que era o público da informação, havia ainda mensagens enviadas por pessoas mais próximas direcionadas a esses receptores, que destinavam essa informação, carregada de conotações, conselhos e opiniões. Para Luiz Beltrão esse sistema era mais eficaz do que o "dogmático monopolizador da palavra ao microfone ou ao papel impresso." (BELTRÃO, 1980, p. 29). O estudioso ainda destaca que este desvio de comunicadores/emissores se dava justamente pelo receptor da mensagem ser heterogêneo e, por vezes, desconhecer a linguagem utilizada nesse veículo, o que torna mais fácil obter traduções interpessoais/intergrupais.

Com base no modelo de difusão de comunicação proposto por Schramm, as pesquisas na área de comunicação ganharam um novo rumo, assim como as mensagens enviadas a seu público heterogêneo. Este modelo seguia os moldes de uma tuba onde a mensagem era formulada por um emissor que as enviava para um meio de comunicação apropriado. Os receptores ao entrarem em contato com a mensagem passavam a discutir e opinar sobre determinada informação, podendo até propiciar um *feedback* – retorno da mensagem ao emissor.

Foi a partir da proposta de Schramm que outros cientistas sociais do mundo todo passaram a tratar a influência da comunicação de massa como secundária. Denominada por Lazarsfeld e Katz como *two-step-flow-of-communication*, ou comunicação em dois estágios, como lembra Castelo Branco (2006, p. 115), a nova forma de difusão também trouxe em voga pela primeira vez a menção do líder de opinião, responsável por receber as informações dos meios e repassá-las a pessoas próximas e grupos de amigos.

## 2.1 O LÍDER DE OPINIÃO

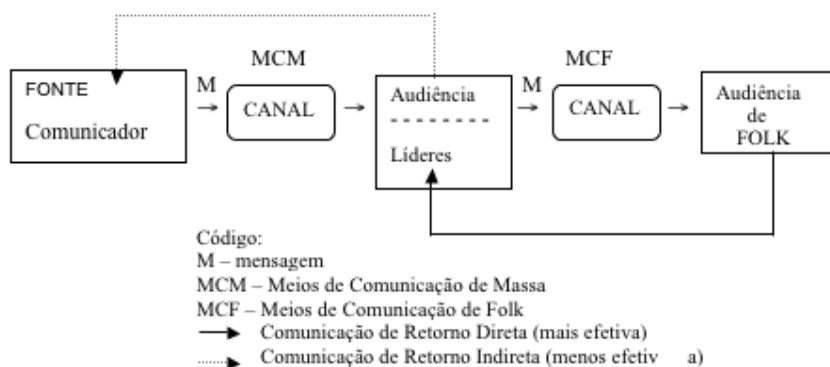
Lazarsfeld e Katz, verificaram durante a pesquisa da comunicação em dois estágios, que as mensagens enviadas pelos meios de comunicação eram menos efetivas ao público em relação às mensagens e informações disseminadas por outras pessoas que as recebiam previamente, identificadas como “líderes de opinião”. Devido à influência que esses líderes tinham perante o grupo influenciado, os pesquisadores constataram que ambos possuíam a mesma situação social. Por essa proximidade, as opiniões dos líderes e grupos tendem a serem as mesmas, desta forma compreende-se a relutância na aceitação de opiniões impostas e sugeridas pelas mídias massivas.

Esses líderes, ainda nas observações de Lazarsfeld e Katz, geralmente são influentes em determinados assuntos, como especialistas em opiniões sobre uma ou outra temática; o grupo influenciado pelo líder de opinião pode se dividir em pessoas mais e menos interessadas, porém os líderes de opinião devem se importar com ambos, pois, “não há líderes sem partidários” (BELTRÃO, 1980, p. 31). Esses líderes, estudados por Beltrão (1980) veem nos meios de comunicação de massa uma saída para influenciar e opinar nas mensagens captadas que serão retransmitidas com uma linguagem própria do grupo em que ele possui influência. Foi a partir deste modelo que Luiz Beltrão identificou o líder de opinião como o “agente-comunicador” da folkcomunicação.

Embora os postulados norte-americanos estivessem relacionados ao sistema de comunicação social, a identificação do líder de opinião como agente-comunicador do sistema de folkcomunicação marca o início dos estudos sobre agentes e usuários do processo que poderiam possibilitar o conhecimento das expressões e das tentativas de uma intenção entre grupos distanciados. Porém, se os cientistas norte-americanos entendiam o fluxo de comunicação em duas etapas com um caráter linear e individualista, o pesquisador pernambucano o concebe como um fenômeno complexo e de natureza coletiva. (CASTELO BRANCO, 2006, p. 115)

Esse “fenômeno complexo de natureza coletiva” do fluxo de comunicação, o qual Castelo Branco (2006) se refere, coincide com o idealismo beltraniano na folkcomunicação, já que, segundo ele, o fluxo não sofria dois, mas vários estágios, “compreendendo meios, líderes com seu grupo mais íntimo, líderes com outros líderes e, afinal, com a grande audiência de folk” (Beltrão, 1980, p. 32). Esses múltiplos estágios foram exemplificados por Luiz Beltrão, por meio de um diagrama e publicados em 1980 no livro “Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados” (1980).

O diagrama citado era encabeçado pelo comunicador de massa como principal fonte de informação, que envia uma mensagem ao líder de opinião – conceituado por Beltrão (1980, p. 32) como “receptor especial” que se transforma em um “comunicador *folk*” ao receber a mensagem, interpretar sua informação, entrar em contato com outras fontes e repassá-la ao grupo familiar, por meio de um veículo *folk*, com características “acessíveis e familiares” a esse público.



Luiz Beltrão identificou o comunicador *folk* como líder de opinião devido às características propostas por Lazarsfeld e Katz, porém de uma maneira mais intimista. Uma vez que para ele o comunicador *folk* estava relacionado como líder de opinião, por possuir prestígio na comunidade, “independente da posição social ou da situação econômica” (BELTRÃO, 1980, p. 35). Outro ponto que marca este comunicador *folk* é o fato de ele ser participante da audiência de massa e contar com outras fontes de informação, repassando, porém, mensagens de acordo com interesses e normas do grupo influenciado.

Nessa perspectiva o líder ainda possui características bem pessoais de acordo com crenças, costumes, convicções e opiniões, as quais possibilitam a esse comunicador, uma forma de difusão de mensagens e contestações de informações. Por conta disso os líderes inseridos no sistema de comunicação social diferem dos líderes de opinião folkmediáticos, uma vez que os líderes sociais têm um relacionamento marcado com fontes oficiais e competentes e os de *folk* trazem uma gama de fontes e informações.

[...] os líderes agentes-comunicadores de folk, aparentemente, nem sempre são ‘autoridades’ reconhecidas, mas possuem uma espécie de carisma, atraindo ouvintes, leitores, admiradores e seguidores, e, em geral,

alcançando a posição de conselheiros ou orientadores da audiência sem uma consciência integral do papel que desempenham. (BELTRÃO, 1980, p. 35)

Essa liderança, que os agentes-comunicadores da *folk* possuem frente a esses grupos receptores de mensagens, está relacionada ao ambiente e a linguagem utilizada para a codificação da mensagem para a audiência vigente. É desta forma que esses líderes se tornam tradutores e mediadores da audiência desses grupos. (BELTRÃO, 1980, p. 38)

## 2.2 A AUDIÊNCIA FOLK

Assim como os líderes de opinião da folkcomunicação, a sua audiência segue formas peculiares. Beltrão considerava que os grupos direta e intimamente influenciados pelos comunicadores *folk* se dividiam em três, porém possuíam características semelhantes a começar por ambos serem identificados como públicos que estavam à margem da sociedade massiva e dominante. Como o termo “marginalizados” possui uma conotação pejorativa, Beltrão procurou conceituar tais grupos fugindo da concepção literal da palavra “marginal”. Para efeito os grupos marginalizados apontados como audiência *folk* estão “à margem de duas culturas que nunca se interpretam e se fundiram totalmente.” (BELTRÃO, 1980, p. 39)

A partir dessa característica que os grupos tinham em comum, Beltrão resolveu separar cada um deles atribuindo conceitos específicos de cada um deles. Esses grupos foram identificados como “rurais marginalizados”, “urbanos marginalizados” e os “culturalmente marginalizados”.

Os grupos “rurais marginalizados”, segundo preceitos do próprio Beltrão (1980), estavam à margem da sociedade devido ao “isolacionismo geográfico, sua penúria econômica e baixo nível intelectual.” (BELTRÃO, 1980, p. 40). Os grupos “urbanos marginalizados” eram formados por pessoas de classes econômicas “subalternas, desassistidas, subinformadas e com mínimas condições de acesso”. Já os “culturalmente marginalizados” poderiam habitar tanto na região rural como na urbana, mas o que realmente marcava e os diferenciava dos demais grupos é que essas pessoas representavam “contingentes de contestação aos princípios, à moral ou à estrutura social vigente.” (BELTRÃO, 1980, p. 40).

Cada um desses grupos está inserido em ambientes diferentes e utilizam meios e linguagens pertinentes a cada região. As diferenças dessa audiência *folk* do público dos meios de comunicação de massa existe, uma vez que no ambiente *folk*, seja ele urbano, rural ou culturalmente marginalizado, a comunicação é expressa a todo o momento com linguagem, signos, símbolos e rituais inseridos nesses grupos.

Na folkcomunicação cada ambiente gera seu próprio vocabulário e sua própria sintaxe, e cada agente-comunicador emprega o canal que tem à mão e melhor sabe operar de modo a que seu público veja refletidos na mensagem seu modo de vida, suas necessidades e as aspirações, o enquadramento de qualquer parcela da comunidade em um desses grupos depende, antes do mais, de uma pesquisa das linguagens específicas utilizadas pelos indivíduos que a compõe e dos meios de expressão por eles utilizados. (BELTRÃO, 1980, p. 40)

### **2.2.1. Os Grupos Rurais Marginalizados**

O primeiro grupo identificado por Luiz Beltrão como pertencente à audiência da folkcomunicação foi o rural marginalizado. Completando o conceito introdutório sobre esse grupo, as pessoas inseridas nele, de acordo com Beltrão (1980), geralmente habitam áreas isoladas e desprovidas de condições necessárias de vivência e sobrevivência (energia elétrica, escolas, postos de saúde, transporte, meios de comunicação de ponta). Devido a esse “isolacionismo”, esse grupo muitas vezes é composto por analfabetos e semi-analfabetos e está alheio às decisões das classes dirigentes do país.

Embora esses grupos nem sempre tenham acesso aos meios de comunicação de massa, os rurais marginalizados trabalham com outras formas de comunicação para exporem suas opiniões e tradições. Beltrão (1980) aponta que o canal mais utilizado por esse grupo é o interpessoal direto. Por meio de conversas entre comadres e compadres, “causos” e histórias, possibilitam à transmissão de uma pessoa a outra. Seja nos conselhos de pai para filho, na receita de bolo para a vizinha, a informação é passada fielmente.

Além da linguagem oral, os grupos rurais marginalizados utilizam outras formas de comunicação afim de transmitir suas opiniões e sentimentos. Beltrão (1980) ressalta a importância das cantorias, danças e ritos folclóricos marcados por esse grupo em especial. Outros elementos presentes na comunicação interpessoal e que também competem a intergrupais são os provérbios, frases feitas (ditados

populares), arcaísmos lingüísticos marcados no discurso de seus membros. Todas essas são formas de comunicação próprias desse grupo tão caracterizado por Beltrão (1980).

Como entretenimento e para exprimir o seu pensar e sentir, os grupos rurais utilizam cantorias e desafios em verso, glosas, provérbios, pregões, frases feitas, orações e paródias, entremeando seu discurso oral de neologismos (gíria) e arcaísmo, que se podem tornar enigmáticos para que não possua a vivência, a capacidade e o gênio de um Guimarães Rosa ou dos infatigáveis pesquisadores do nosso folclore. Parecendo trazer na massa do sangue o senso artístico unido ao pragmatismo, divertem-se, exprimem-se e comungam seus ideais pelo canto, pela música e pela dança, criando ritmos e coreografias, marcadas ou transmitidas pela voz, pelo assovio, por instrumentos e orquestras próprias. (BELTRÃO, 1980, p. 43)

Luiz Beltrão (1980) trabalha com as oportunidades e intercâmbio desses grupos com a folkcomunicação. As celebrações religiosas ganham destaque no grupo rural marginalizado, devido a própria religiosidade, que os pertencentes do grupo cultuam. Natal, Quaresma, Santos populares do mês de junho, padroeira, são algumas datas comemoradas em ambientes rurais. É a meio a essas celebrações que há procissões, novenas, além de ser também uma oportunidade para casais oficializarem o matrimônio e bebês serem batizados – devido à presença de padres nesses eventos, já que nem sempre essas regiões possuem sacerdotes.

Beltrão (1980) lembra de passagens importantes dessas celebrações festivas em ambiente rural, como reunião da população em igrejas e outros espaços públicos, a culinária presente timidamente em forma de tabuleiros ou barraquinhas armadas pelos próprios moradores da região rural. As brincadeiras para crianças, mas que adultos também se divertem, entre outras manifestações de fé e de festa.

O povo vive mil-e-uma-noites às vezes em uma só noite: o cineminha apresentando sessões consecutivas, os cantadores se sucedendo nos desafios, os folheteiros declamando seus romances, os bacamarteiros assustando a meninada com seus tiros secos, os forrós, tudo terminando com a *ferrie* dos fogos de artifício, da queima de painéis, como sonhos da madrugada que começa a despontar e marca o retorno das gentes aos distantes e isolados pagos em que sobrevivem.” (BELTRÃO, 1980, p. 44)

### 3. ENTRE O PROFANO E O SAGRADO: CONHECENDO A FESTA JUNINA POR DENTRO

O mês de junho é recebido com festa em boa parte do Brasil. É nele que são celebradas três datas de santos considerados importantes para a religião católica: Santo Antônio, 13, São João, 23 e São Pedro, 29. As datas correspondem aos dias de falecimento do primeiro e do último e de nascimento de São João Batista – talvez pela importância do fato dele ter batizado Jesus Cristo nas águas do rio Jordão (localizado entre Israel e Jordânia), como lembra Chianca (2009), que João é o único santo celebrado no dia de seu nascimento.

Focando em outro aspecto e emergindo nas origens pagãs da festa, descobre-se que, na verdade, antes de ser “joanina” – ao ser justificada pelo santo, ela tinha raízes direcionadas a cultos e ritos praticados com caráter pagão e pré-cristão em meados do século XII, por povos europeus, identificados por Costa Silva (2008) como germanos, celtas, gregos, suecos, italianos, etc., os quais cultuavam a natureza e seus elementos, como a árvore e o fogo. O culto à árvore, ou como elucida o autor, aos “espíritos das árvores” ocorriam porque estes povos acreditavam que os espíritos é que eram responsáveis e determinantes no bom funcionamento das plantações e, conseqüentemente, das colheitas.

Uma das formas de celebrar esses “espíritos” era festejá-los nos dias próximos ao início das colheitas. O ideal era realizar a comemoração no dia 23 e 24 de junho, considerado o dia mais longo do ano os chamados solstícios de verão do Hemisfério Norte – véspera do período de colheitas. E é aí que entra um dos elementos presentes do culto à natureza, que também fazem parte das festas juninas – principalmente na de São João: a fogueira.

De dezembro a junho, o sol vai gradativamente se distanciando do Equador e vai se colocando mais a pino. Essa trajetória tem seu ápice no dia 24 de junho, que é então o dia do solstício de verão no Hemisfério Norte e de inverno no Hemisfério Sul [...] O solstício de verão, no dia 24 de junho, é o centro das festividades juninas. É o grande momento da carreira do sol, o dia em que ele chega mais alto no céu. O ponto alto da comemoração do solstício é o costume de acender grandes fogueiras, geralmente em lugares altos, na noite de vésperas. O sentido da fogueira vem da crença de que é o sol que garante a fertilidade. Como no solstício ele atinge o máximo da luz e calor, acredita-se que a fogueira traga para a terra esses benefícios (luz e calor) com mais intensidade. Portanto, o fogo da fogueira é capaz de promover o crescimento das plantações e o bem-estar dos homens e dos animais. Além disso, o fogo afugenta os perigos e calamidades (raios,

pestes, esterilidade), afugentando as bruxas que os promovem. (COSTA SILVA, 2008, p. 213)

Outra forma, mais antiga, era cortar uma das árvores e levá-las para a região central da aldeia, onde era colocada em pé e celebrada pela comunidade. O objetivo, segundo Costa Silva (2008) “era atrair o espírito frutificante da vegetação, tanto para a população, como para o rebanho”. O autor considera estreita a relação desta forma de celebração com outra prática mágico-religiosa, que é a do mastro dos santos erguidos em festas juninas. Outro rito pagão relacionado à fogueira, segundo Araújo (1973), é o culto ao fogo, praticado por povos pirolátricos, cuja manifestação se dava ao redor da fogueira.

Quando esses povos europeus migraram para o Brasil no período de colonização, trouxeram essas celebrações que foram abafadas e reformuladas pelos portugueses, por conta da catequização e da instauração da religião católica apostólica romana, como oficial do País. Outro fato importante apontado por Chianca (2009) é que essas celebrações pré-cristãs, realizadas na Europa Ocidental, serviam para “doutrinar” e evangelizar esses povos, desde o século XVI. Desta maneira os ritos pagãos ou pré-cristãos como elucidados, perderam forças no traslado de um continente a outro.

A Igreja católica, portanto, ao reconhecer esses rituais pré-cristãos, começou a adotar algumas datas para seu calendário festivo sagrado e incorporou elementos sacros para justificar e dar credibilidade espiritual aos novos ritos adotados. Chianca (2009) afirma que no caso dos solstícios, as figuras de Jesus Cristo e João Batista ganharam força, uma vez que a primeira veio representar o solstício de inverno e a segunda, o de verão (lembrando-se que esses nomes dizem respeito aos solstícios realizados no Hemisfério Norte o que, conseqüentemente, torna ao contrário se falarmos de Brasil e Hemisfério Sul).

Para compor por completo a festa de São João Batista, realizada na véspera do dia de nascimento do Santo como dito, outros elementos foram importados da Europa e de sua gente. Da mesma forma a festa também passou a contar com características brasileiras. O primeiro exemplo que diz respeito a um rito europeu que passou a ser utilizado a princípio em nossas festas mais ilustres foi a quadrilha.

A dança tipicamente junina, realizada em “arraiais” Brasil afora, veio para o País com as Caravelas em 1908. A Corte portuguesa trouxe seus costumes e

hábitos festivos que alegraram e muito as noites urbanas. Um desses hábitos foi o de soltar fogos de artifícios, além de entoar as festas com dança e música. Uma das danças mais apreciadas na época era a quadrilha. De origem francesa, a quadrilha era dançada pela aristocracia da época (nobreza e monarcas). Chianca (2009) afirma que ela foi perdendo esse caráter nobre, no período republicano, quando a monarquia “saiu de moda”.

A princípio, esta dança não era exclusiva do mês de junho. Animava também nossos carnavais e era especialmente apreciada nos círculos sociais da monarquia. [...] Quando os hábitos da realeza saíram de moda, no início do período republicano, a quadrilha deixou de ser vista nos centros urbanos. É quando ocorreu um fenômeno curioso: no lugar dos elegantes nobres de outrora, os protagonistas da dança feita aos pares são agora os ‘matutos’, os caipiras. (CHIANCA, 2009, p. 22)

Frade (1997) ressalta que, a partir do momento em que a dança de salão francesa passa a ser incorporada pelo “gosto popular”, ela é encenada e comandada por um “marcador” – espécie de mestre ou narrador, responsável pelas sequencias que os dançarinos devem proceder: “*Tour*”, “*En avant*” (encaminhar), “Caminho da roça”, “Olha a chuva”, “*Garranchê*”, “Passeio”, “Coroa de flores”, “Coroa de espinhos” e etc., são algumas dessas marcações. A trilha sonora da quadrilha é entoada por sanfona ou acordeão, com viola e pandeiro, entre outros instrumentos que produzam canções com cadênciamento para as marcações serem realizadas (FRADE, 1997, p. 61).

“A Quadrilha sofreu um processo de proletarização. No começo deste século era infalivelmente encontrada nos bailes de roça onde a marcação conservava algo da terminologia francesa com os mais deliciosos estropiamentos dos vocábulos originários. Ela aí nada tinha de protocolar como nos palácios e podemos afirmar, até 1930 era a parte mais deliciosa dos bailes populares das cidades interioranas ou das fazendas cafeicultoras paulistas, dançadas nas tulhas ou terreiros de café ao som de sanfonas, findando no mais confuso galope.” (ARAÚJO, 1973, p. 72)

No início do século XX, quando a dança mudou de cenário e foi transferida para o ambiente externo à corte, o camponês, ela passou a ser dançada em datas festivas e em celebrações religiosas. Outra celebração realizada em boa parte do País, nas festas juninas, é o casamento caipira. Diferente dos ritos pagãos e pré-cristão citados no discurso, o casamento caipira antes de ser apresentado de forma teatral do cotidiano, como hoje é inserido, ele funcionava como uma forma de oficialização de cerimônias religiosas, como batismo e o próprio matrimônio.

Devido ao isolacionismo, muitas comunidades e vilas rurais eram desprovidas de Igrejas e outros centros e espaços públicos, como se dava no ambiente urbano. Uma forma encontrada pelos jovens casais era aproveitar celebrações do calendário Cristão, como Natal e festas de Santos, para serem abençoadas e aprovadas pela população que acompanhava essa manifestação popular, como lembra Aldé (2009, p. 30):

O tradicional casamento na roça, para muitos mera brincadeira, acredite, também já foi pra valer. A razão era simples: em localidades isoladas, sem a presença de sacerdotes o jeito era realizar a cerimônia em torno da fogueira, nos dias do santo, com direito aos noivos, padrinhos, parentes e convidados. A união, considerada válida pelos fiéis, era abençoada quando um religioso passava pelo local.

Após as manifestações urbanas migrarem para a zona rural, as pessoas passaram a desconsiderar muitos dos significados pré-cristãos das festas, sobretudo das juninas. A fé que movia a sociedade rural, buscava na devoção dos santos e na vontade de Deus, como verdades indiscutíveis. O poder ortogado aos santos, sobretudo os mais populares, como Antônio, João e Pedro, era indiscutíveis. Tudo o que se pedia, o santo dava jeito de acontecer.

Uma das manifestações populares que ainda permanecem no imaginário das populações rurais, são as preces, pedidos e as adivinhas de São João – esses últimos que foram devidamente estudados por Cascudo (1985). O folclorista passou a entender e a buscar significados remotos dessas credices populares. Adivinhas como a adivinhação por meio da clara de ovo, o anel no copo, entre outras, tinham origens que iam bem mais além do que as impressões e tradições de adivinhação passada de pai para filho, no Brasil rural.

A adivinhação feita por meio da clara de ovo, por exemplo, é uma das mais populares realizadas em noites joaninas. Ela geralmente é feita na tarde do dia 23 de junho – véspera de São João - e o procedimento para realizá-la é deitar a clara do ovo dentro de um copo com água pela metade. Um lenço branco deve cobrir este copo. Também é necessário o uso de uma tesoura e de um rosário benzido. A meia noite, a pessoa que se propôs a fazer a simpatia, deve ir verificar qual o formato da imagem que a clara compôs no copo de água. “Se for um navio, viagem próxima: e se for uma igreja, o suspirado casamento.” (CASCUDO, 1985, p. 149)

#### **4. OLHARES, MEMÓRIAS E FOGUEIRAS: A FESTA DE SÃO JOÃO DE SEO ZICO**

Anníbal Angenor Borghi, 75 anos, é símbolo na cidade de Maringá devido ao seu pioneirismo, ao chegar em 1946 na cidade e se instalar na Estrada da Gleba Pingüim – hoje zona rural de Maringá. Senhor Anníbal, ou Seo Zico como popularmente ficou conhecido, veio do interior de São Paulo, a cidade de Itajubí, para o norte-centro do Paraná, em busca de terras férteis e promessa de prosperidades em solo de terra roxa – como muitos pioneiros que pela região passaram.

O pioneiro se casou em 1958 e, durante 49 anos de casamento, teve seis filhos (quatro mulheres e dois homens) – “todos casados”, segundo o patriarca. Avô de doze netos, pode-se dizer que Zico Borghi tem uma família unida, seja no berço familiar ou na hora de preparar a festa, por ele idealizada no ano de 1982: a festa de São João de Seo Zico Borghi. Foi nesta época que Seo Zico se mudou com parte da família para a cidade de Maringá, na casa que habita até hoje, localizada na zona 05.

A festa de São João idealizada por Anníbal Borghi seguia os moldes das rezas do terço e celebrações em homenagem aos três santos do mês de junho: Santo Antonio, 13, São João, 23 e São Pedro, 29, realizadas pelos pioneiros que desbravaram as terras e lotes da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. Segundo o próprio Zico Borghi, como é conhecido, naquela época as pessoas que moravam na zona rural de Maringá eram muito religiosas e, devido a isso, tinham uma relação de fé e devoção aos santos, principalmente aos juninos, que parafraseando Anníbal Borghi “eram santos muito poderosos”.

Em homenagem a esses santos e devido a uma reclamação de uma funcionária do sítio de Seo Zico, o pioneiro resolveu resgatar esses ritos de outrora em 1982. A primeira festa aconteceu na véspera de São Pedro, porque a funcionária citada tinha devoção pelo santo e Seo Zico resolveu fazer a reza do terço e levantar o mastro com a imagem dos três santos juninos, no próprio sítio da família Borghi, localizado na Gleba Pingüim – zona rural de Maringá.

Como tratava-se da primeira festa realizada pelo pioneiro com a ajuda da esposa e dos filhos, Seo Zico convidou apenas alguns vizinhos que habitavam a região e rezou três terços para cada um dos santos comemorados em junho. A

comemoração no dia de São Pedro durou apenas três anos – depois disso ela foi transferida para a véspera de São João e o mastro foi erguido mais uma vez.

Segundo Borghi (2009) a transferência da data aconteceu devido a outro rito junino utilizado pelos pioneiros da região rural, que era a tradição da passagem nas brasas com os pés descalços. Borghi (2009) lembra que esta passagem exigia de cada um “fé, coragem, concentração e humildade”, ela era mais eficaz na véspera de São João – exatamente a meia noite do dia 23 para o dia 24.

As idéias foram se multiplicando e cada festa foi diferente da outra. Annibal Borghi e a família foram incorporando aos poucos outros ritos tradicionais da manifestação popular religiosa. A terceira inserção foi a missa sertaneja, a qual precedia a reza do terço – este que passou de três rezas para uma só. Este fato, segundo Borghi (2009) foi devido à “preguiça” das pessoas, que já não eram tão fervorosas assim.

A missa feita na festa de São João não era a mesma da celebrada na capela da Gleba Pingüim, tampouco nas igrejas da região, por se tratar de uma missa sertaneja com instrumentos típicos: viola, sanfona e pandeiro. Após a missa e o terço, os devotos do santo eram convidados a fazerem uma procissão pelo sítio, para erguer o mastro com a imagem de Santo Antonio, São João e São Pedro, à luz de velas e fogos de artifício, ao som do hino do apostolado da oração: “Levantai-vos, soldados de Cristo. Eis avante na fenda da glória. Desfraldai no pendão da vitória. O imortal Coração de Jesus.” (BORGHI, 2009, p. 02)

É nesse momento que a festa passa a ter um outro significado para o público, uma vez que este rito marca o início das preces aos santos homenageados. Cada santo com uma causa, todos marcados pela fé dos fiéis que, entre outros pedidos desejam arrumar casamento ou curar moléstias.

#### 4.1 OS SANTOS JUNINOS

As credices populares religiosas apontam os santos do mês de junho como principais fontes de devoção. Segundo Zico Borghi, Santo Antonio, São João e São Pedro são “santos muito poderosos” (BORGHI, 2009, p. 02) e atendem as preces daqueles que pedem com fé. O pioneiro e idealizador da festa de São João explica as características de cada um dos três santos a começar pelo mais popular entre os brasileiros: Santo Antônio.

#### 4.1.1 Santo Casamenteiro

Santo Antônio de Pádua, nasceu em Portugal em 1195 e morreu em 13 de junho de 1231, aos 36 anos de idade. Frei da Igreja Católica Apostólica Romana, o santo foi beatificado e tido como “advogado das causas perdidas”. Há lendas que de o santo passou a ter fama também de casamenteiro, devido a um incidente durante os anos como frei.

Conta-se que havia uma moça em estado de desespero por possuir idade avançada para os padrões da época, que não encontrava um marido digno de seu amor. Embora fosse muito formosa, a moça não tinha mais paciência de esperar o noivo e se “apegou” a Santo Antonio. Como uma boa devota, todos os dias a mulher levava flores e preces ao Santo, para conseguir o feito de arrumar um noivo.

Passaram dias, meses, anos e... nada. Descontente com a falta de apoio do santo, a mulher atirou a imagem pela janela e acertou um transeunte que por ali passava. Ao conhecer o rapaz, a moça então se apaixonou e casou algum tempo depois com o homem. Depois desta história, o santo passou a ser objeto cativo nos altares de moças e mulheres que, entre outras coisas, desejavam se casar. (Gomes, 2009)

A versão da lenda de Gomes (2009) com a de Seo Zico Borghi está no desenvolvimento e os pormenores do feito do santo casamenteiro, mas não no desfecho final. Assim como a lenda enunciada acima, Seo Zico acredita que Santo Antônio de Pádua tem o título de casamenteiro, devido a um outro incidente parecido que aconteceu.

Ele vivia numa cidadezinha pequena, lá na Itália, aí o prefeito de lá decretou uma lei que moça rica tinha que casar com moço rico e moça pobre com moço pobre. Aí Santo Antônio achô aquilo errado, como de fato aquilo é errado. Ninguém escói casamento pra ninguém, é a pessoa que escolhe. Nem os pais, nem podem escolher, porque vai escolher um que não é do seu gosto. Casamento tem que dar aquele “*tim*”, ‘gostô, gostô, acabô’. Agora vai casar com uma pessoa que não gosta para fazer o gosto dos pais. Não conhece, não sabe e aí você vê o prefeito vai mandar? Então ele lutou, lutou derrubou aquela lei aí ele morreu e virou santo e então ele ficô o padroeiro do casamento. (BORGHI, 2009, p. 02)

Seo Zico conta ainda que Santo Antônio também está presente nas preces proferidas pelas moças que frequentam a festa no seu arraial. De acordo com ele, desde 1982 até hoje ele recebeu mais de doze convites de casamentos que foram

concretizados após as moças fazerem o pedido durante a festa no mastro dos santos. Para Borghi (2009) os pedidos feitos no mastro vão desde ao casamento, endereçado para Santo Antônio, como também para emprego, cura de doenças, entre outros. Segundo ele não importa o pedido, mas sim a fé e a maneira como a pessoa faz a prece.

#### 4.1.2 João e a fogueira

O Santo homenageado na festa junina de Zico Borghi, é o único comemorado pelo calendário cristão católico religioso no dia de seu nascimento, 24 de junho e não na sua data de morte. Isso porque, de acordo com Chianca (2009, p. 18), ele “se tornou um pregador e ficou conhecido por batizar os gentios e os judeus nas águas do rio Jordão”, inclusive seu primo Jesus, filho da virgem Maria.

Intitulado como São João Batista devido ao feito do batismo de Jesus nas águas do rio Jordão, o santo nasceu um pouco antes do Filho de Deus vir ao mundo. Ele era filho de Isabel, prima de Maria. Isabel e o marido Zacarias possuíam idade avançada para gerar filhos, mas, assim como nos sonhos de Maria, Isabel recebeu uma mensagem de um anjo dizendo que daria à luz àquele que batizaria o filho do Senhor. Desta forma, ela e a prima aguardavam ansiosas à vinda dos bebês (ABREU, 2004, p. 62).

Naquela época, as duas primas viviam em aldeias afastadas e a única forma de comunicação existente era o fogo. “Quando João nasceu, a mãe acendeu uma [fogueira], para avisar a prima Maria, mãe de Jesus.” (Abreu, 2004, p. 62) e a informação atingiu seu objetivo. Borghi (2009) conta que a fogueira, na época de Jesus e João, foi “o primeiro telefone, a primeira comunicação”. Ele lembra da história da fogueira citada por Abreu (2004).

Porque eles [Isabel, o marido e Maria e José] moravam assim numa aldeia, assim como se fosse uma colônia, lado a lado. E quando nascia uma criança naquele bairro, eles ascendiam uma fogueira que era pra dizer que a criança nasceu. Que é quando a mãe ta esperando. Então, São João também foi acendida uma fogueira, muito bonita então todo mundo falava, já sabia, ai João nasceu, João nasceu. Ai por isso da fogueira. (BORGHI, 2009, p. 02)

Outra relação da fogueira com o santo junino é o fato da lenda de que São João dorme muito. Uma das formas do santo acordar no dia da festa em sua

homenagem é acender uma fogueira bem alta. “Com o clarão das fogueiras, [o santo] não resistiria ao desejo de descer do céu, e a terra se consumiria em fogo.” (Abreu, 2004, p. 62).

#### **4.1.3 O guardião do céu**

De acordo com preceitos da Igreja Romana – Católica Apostólica - o apóstolo Pedro recebeu uma das maiores incumbências de Jesus Cristo pouco antes da morte do mártir, fazer com que a Igreja proposta por Cristo continuasse. Por meio da frase, Jesus fez o pedido “Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e os portais do Hades não prevalecerão sobre ela.” (Mt 16.18). Pedro tornou-se, então o primeiro Papa da Igreja Católica Apostólica Romana, como lembra Borghi (2009). Vale ressaltar que esta é a visão da Igreja Católica.

Algumas lendas referentes a São Pedro permaneceram entre os católicos, uma delas foi a de que o santo era guardião dos portões do céu. Outra lenda é de que o santo é responsável pelo tempo climático. Seo Zico confia em São Pedro no dia em que realiza a festa. De 1982 até 2007 nunca havia chovido no dia 23 de junho nos arredores da Gleba Pingüim. Em 2008 a chuva foi pouca, mas o suficiente para suspender o rito da passagem nas brasas. Esse ano, a chuva apagou até a fogueira preparada com esmero. Fato que, porém não calou as preces do povo e nem causou intriga entre Seo Zico Borghi e São Pedro.

## **4.2 RITOS E TRADIÇÕES POPULARES**

Além do terço, da missa sertaneja, do mastro com imagem dos santos, das preces, da fogueira e da passagem das brasas ou ritos tradicionais da cultura popular compõem o cenário da festa de Zico Borghi: a culinária típica da festa, o casamento caipira, a quadrilha e o baile caipira com moda “limpa banco” (música entoada por viola e sanfona que, por ser animada, convida a todos ficarem de pé e deixarem os bancos e cadeiras vazias).

### **4.2.1 A culinária da roça**

O cardápio das festas juninas celebradas Brasil afora tem em comum a presença do milho nos ingredientes das iguarias servidas nos tabuleiros. Alimento muito cultivado pela cultura indígena, o milho geralmente é colhido em datas próximas ao mês de junho, fazendo com que ele se torne o alimento mais utilizado na hora de compor as receitas da festa. Pipoca, canjica, bolo e curau, são iguarias à base de milho-verde – alimento este muito utilizada pelos indígenas brasileiros, que, inclusive, de acordo com Abreu (2004), surgiu a partir desta lenda:

O chefe pareci Ainotoré, pressentindo a morte, chamou o filho Kabitoê e ordenou que o enterrasse no meio da roça. Avisou que em três dias brotaria da cova a planta que rebentaria em sementes. Que não comessem, guardassem para replantar; a tribo ganharia precioso recurso. E o milho nasceu. (ABREU, 2004, p. 63)

Na festa de Seo Zico o milho também ganha espaço. Desde o início quem era responsável pela parte gastronômica da festa era a esposa dele, falecida em 2007. Pipoca, canjica, batata doce assada, bolo e outros doces eram preparados com receitas dela – e até hoje algumas das receitas seguem as indicações da esposa de Seo Zico. Uma das iguarias mais apreciadas pelas pessoas durante a festa junina na Gleba Pingüim, é o quentão. Seo Zico comenta que sua esposa costumava fazer um quentão que se diferenciava dos outros pelo cuidado na hora do preparo.

A minha mulher fazia quentão, ela fazia diferente. Ela pegava gengibre e muía e punhava dentro de um saco branco, custurava e punhava dentro do calderão pra fervê junto [...] pimenta ela não coloca, pimenta arde muito né. Ela fazia um quentão suave, que a turma adorava. (BORGHI, 2009, p. 08)

Outra bebida servida durante a noite do dia 23 no arraial de Seo Zico é a “chocolatada”, feita com leite e chocolate em pó. Como a festa ganhou popularidade no decorrer dos anos, muitas iguarias deixaram de ser feitas, porque Seo Zico e sua família não davam conta de servir uma quantidade grande de pessoas, com doces elaborados.

Uma das ideias foi trocar e adaptar o cardápio para a nova realidade da festa na Gleba Pingüim. A pipoca, a canjica, alguns doces caseiros, o quentão e a chocolatada, foram mantidos. Desde que a mulher faleceu, quem assumiu as panelas da festa foram as filhas e noras de Seo Zico Borghi, que fazem os “quitutes” seguindo a receita da mãe.

Outra questão referente à culinária da festa está diretamente ligada às doações que Seo Zico passou a receber quando a festa adquiriu outras conotações. Há patrocinadores dos doces caseiros, do vinho para o quentão, de milho para pipoca, entre outros itens fora do contexto culinário, como os fogos de artifício. Isso porque a festa é gratuita e foi, por muitos anos, bancada pelo próprio Annibal Borghi.

Se corre dinheiro acaba a tradição. Eu ganho bastante coisa né, eu ganho vinho dos Pascoeto, eu ganho é biscoito da Da Mari, eu ganho bastante coisa. Sempre o Odair Fogueteiro me dava os foguete, agora ele perdeu e eu to comprando né, to pedindo. Mas assim mesmo assim ele vai me ajudá. (Borghi, 2009, p. 08)

Atualmente a culinária é servida na festa após as cerimônias religiosas (missa, terço, mastro dos santos, preces), por meio de senhas. Segundo Seo Zico, os números de senha foram adotados para facilitar a organização da festa e também garantir que todos os visitantes saboreassem os quitutes oferecidos.

#### **4.2.2 Casamento caipira, quadrilha e “moda limpa banco”**

O som e a dança marcam as manifestações populares brasileiras. Tradicionalmente, nas festas juninas o baile caipira é um dos pontos mais festivos da noite de São João, com a cadência e marcações da quadrilha, a festa ainda abre espaço para a teatralização da manifestação com o casamento caipira.

Na festa de São João de Seo Zico Borghi, após servirem os doces e bebidas típicas, o baile se inicia. Com viola, sanfona e contra-baixo, três homens fazem um verdadeiro “trupé” nos salões da Escola João Gentilin – localizada na Gleba Pingüim. Tercílio Mem, pioneiro, é um dos sanfoneiros preferidos e solicitados por Annibal Borghi. Seo Zico gosta dos bailes feitos pelo sanfoneiro, por dois motivos, por ele ser mais tradicional e por seguir a moda “limpa banco” que, nas palavras do próprio Zico seria aquela “marchinha que a gente dançava um tempo, porque quando tocava aquelas marchinhas a assim todo mundo ia dança, daí tinha o nome de ‘limpa banco’” (BORGHI, 2009, p. 07).

Na sequência vem a quadrilha, tradicional dança junina desde a decadência do período colonial brasileiro. Na Gleba Pingüim, a dança já foi encenada por grupos folclóricos com reminiscências da quadrilha, mas, por a festa ser breve, a dança naquela época ocupava muito tempo e atenção das pessoas durante a festividade. A

saída para isso foi montar a quadrilha na hora, com pares formados a princípio pela família de Seo Zico, que entrava na dança.

Aos poucos o espaço foi aberto também para pares formados pelo público que participava da festa. O filho de Seo Zico ficou responsável por cantar e cadenciar as marcações típicas da quadrilha: “olha a chuva”, “olha a cobra”, “caracol”, entre outros passos.

Seo Zico não é um homem de exigir muita coisa, mas na hora do figurino da festa, ele é taxativo: “gosto que vai vestido de caipira né, essa festa é uma festa caipira, eu gosto e eu peço pras pessoas vai vestido de caipira né e tão bonito né” (BORGHI, 2009, p. 07).

Chianca (2009) lembra que essa tradição de se vestir de “caipira”, veio da herança colonial, na época em que a Corte portuguesa trouxe a quadrilha e a dança, originalmente francesa, era dançada nas noites urbanas. Com o período republicano em voga, os trejeitos da corte saíram de moda e mudaram de local. Passaram a ser representados e caracterizados no ambiente camponês.

Quando os hábitos da realeza saíram de moda, no início do período republicano, a quadrilha deixou de ser vista nos centros urbanos. É quando ocorreu um fenômeno curioso: no lugar dos elegantes nobres de outrora, os protagonistas da dança feita aos pares são agora os ‘matutos’, os caipiras. “A figura do homem interiorano, com seus traços, suas roupas e seus trejeitos, assume lugar central na festa de São João, mas estereotipada pelo olhar urbano.” (CHIANCA, 2009, p. 23)

Após a quadrilha montada é a vez do noivo, noiva e padre entrarem em cena no rito festivo. Diferente do casamento convencional, o caipira é teatralizado após os ritos litúrgicos e cristãos. Ele é lembrança de um tempo em que as pessoas que viviam em ambientes rurais não tinham acesso à vida urbana e suas dependências como escolas e Igrejas. Os casamentos, batizados e outros ritos religiosos eram feitos ou perante a fogueira ou justamente em dias de festa, quando os sacerdotes vinham até as vilas rurais e oficializavam os sacramentos.

Há no Nordeste (Alagoas, por exemplo), dois tipos de compadres: o de *igreja* e o de *fogueira*. O da *igreja* é aquele que leva a criança, o afilhado para receber o sinal de iniciação – o batismo na igreja católica romana. O de *fogueira* é o caso em que não há criança a ser batizada, são apenas compadres, que passam a tratar-se respeitosamente por tal [...] Basta que um afeto forte os aproxime para que no dia de São João, ao saltar a fogueira, fazem antes um juramento e em seguida saltam em cruz três vezes a fogueira. (ARAÚJO, 1973, p. 21)

Seo Zico é o idealizador e também o pai da festa. No casamento caipira, ele costuma celebrar ficticiamente o enlace de uma das filhas, com um dos netos dele e sobrinho dela – como aconteceu neste ano de 2009. “Eu faço aquele casamento rápido e declamo uma poesia “Casamento no Arraiá” [em anexo] que eu fiz, quando a minha filha casou, que eu faço poesia né, que você sabe. Daí eu faço o casamento assim, ai dou os parabéns pra noiva, uma salva de palmas daí eu falo aquela poesia assim:

Dois jovens se namora para um dia se casá,  
 Todo mundo espera a festa até que o dia vem chegar  
 Vamos todos lá para a igreja pra ver os noivo se casá  
 O noivo espera a noiva bem pertinho do artá  
 Daí chega a noiva todo mundo que olhá  
 Os pais leva a noiva para o noivo lá entrega  
 Daí sai o casamento, pra nunca mais separá  
 Daí se reúne o povo para festeja no arraia  
 Todo mundo come e bebe depois nós vai dança  
 Todo mundo se diverte até o dia claria  
 Mais ninguém lembra dos pais da noiva que sem sua filha vai fica  
 A gente olha pra todo canto, pois a filha não está  
 Pois ela é mulher casada, seu marido tem que acompanhar  
 Vocês , dona-de-casa, um dia se casou  
 Abandonaram vossos pais, vosso marido acompanho  
 Mais não esqueça dos paizinho, que as veiz tão longe, lá ficou  
 A ele você deve a vida, foi eles que vos criou  
 E você que é marido, trate bem sua muié  
 Pois ela abandonou tudo, seguiu você com muita fé  
 Mais não faça ela de escrava, nem pisa ela com seus pé. (BORGHI, 2009, p. 10)

#### 4.2.3 Pau de sebo

Assim como a passagem na brasa, o Pau de sebo é uma das atrações mais divertidas e esperadas da festa de São João. A brincadeira consiste em subir em um tronco de madeira, escorregadio devido ao sebo de boi passado em toda sua extensão, plantado verticalmente no chão. A intenção é conseguir chegar até o topo e ganhar como prêmio o dinheiro depositado no alto do tronco.

Na festa de Seo Zico a atração não poderia faltar. Até hoje ele é responsável por arranjar um tronco de madeira que sirva para a brincadeira. Este tronco recebe uma camada de “banha de vaca”.

Pau de sebo chama bastante a atenção, muito gozado porque, a gente faiz aquele pau de sebo e eu pego eucalipto tiro a casca e ele já fica liso, aí passa sebo, sebo de banha de vaca né. Aí não tem quem sobe. Ai eu ponho nota lá né, eu marro nota de 10 de 20 reais lá em cima, os cara vê assim fica loco, começa a subi, aí ele não sobe porque escorrega, aí eles faiz aquela escada humana, ai põe um forte embaixo e um vai subindo no ombro do outro vai indo vai indo e de repente cai tudo mais alguém se morre de rir. (BORGHI, 2009, p. 07)

#### 4.3 PROPAGANDA ORAL

Quando a manifestação folclórica foi iniciada na Gleba Pingüim, no sítio da família Borghi, a divulgação da festa foi feita informalmente apenas entre os vizinhos mais próximos, como compadrio, citado por Araújo (1973).

[o compadrio] é por ocasião das festas juninas que, entre outras funções sociais, se reforçam os laços de solidariedade através dessa instituição que está se tornando folclórica – o compadrio [...] uma das formas pela qual os moradores das comunidades rurais, dos “bairros”, das aglomerações urbanóides, demonstram a cordialidade é a escolha do compadre. (ARAÚJO, 1973, p. 21)

Após a primeira festa, todas as outras foram realizadas a partir da mesma forma de comunicação e divulgação, adotada por Anníbal Borghi: a comunicação oral. Seo Zico costuma dizer, que a popularidade da festa chegou ao que é hoje devido à propaganda “de boca em boca”, comunicação efetiva, uma vez que ao longo desses 27 anos de festa de São João, o público passou de cinco ou dez pessoas para mais de 2 mil pessoas – público contabilizado pela Secretária da Cultura de Maringá. “Até hoje a gente é de boca em boca, a gente não fala nada porque não é uma festa que corre dinheiro né. Quando corre dinheiro a gente publica né, aqui não, é sempre de boca em boca.” (BORGHI, 2009, p. 05).

Zico Borghi explica que outros tipos de divulgação não oral inseridos na festa, não são de autoria dele. Sejam eles cartazes pregados na festa em meio as bandeirolas coloridas, ou folhetos de divulgação sobre a festa – como o produzido este ano pela Prefeitura Municipal de Maringá, por meio da Secretaria da Cultura – nenhum deles partiu da iniciativa de Seo Zico, que prefere continuar convidando as pessoas pessoalmente em uma prosa ou outra.

[...] o engraçado é que quando eu convido de boca em boca, se ta o casal, eu chego e falo pra muié e dexo o homem só olhando. Eu convido a muié

porque se ela vai, ela leva o marido, se eu convido o marido, ele vai e não leva a mulher, então eu faço isso. (BORGHI, 2009)

A justificativa de Seo Zico para continuar com este tipo de divulgação, está diretamente relacionada ao fato da festa ser gratuita ao público, ou, nas palavras dele de “não correr dinheiro” na manifestação. “Quem vai lá eu sempre falo: pode deixa a cartera em casa. ‘Não tem coisa pra vendê?’ Não, não tem, você vai come o que nós dé, vai bebe o que nós dé.” (BORGHI, 2009, p. 09)

#### 4.4 PATRIMÔNIO IMATERIAL DE MARINGÁ

Pelas características peculiares à cultura popular e ao folclore, a festa de São João de Seo Zico recebeu o primeiro registro do Estado do Paraná, como Patrimônio Cultural Imaterial. De acordo com Coelho (2009) este tipo de decreto se utiliza o termo “registro” no lugar de “tombamento”, por não se tratar de um objeto material, como um monumento, um prédio, ou um edifício.

Na época em que o projeto de Lei de nº 7.938/2008 foi sancionado no dia 18 de agosto de 2008 pelo Prefeito Municipal, Sílvio Magalhães Barros II. Os responsáveis pela outorga desconheciam essas especialidades do Patrimônio Imaterial, por isso foi necessário fazer novas documentações acerca da festa – que ainda não foram publicadas pela Secretaria da Cultura. No lugar do termo tombamento, utilizado na primeira documentação, surgiu a palavra “registro”, que melhor explica este tipo de valorização do Patrimônio Cultural.

Os bens selecionados para o registro serão, à semelhança dos bens tombados, inscritos em livros denominados, respectivamente, *Livro de registro dos saberes* (para o registro de conhecimentos e modos de fazer); *Livro das celebrações* (para as festas, os rituais e os folguedos); *Livros da forma de expressão* (para a inscrição de manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas); e *Livro dos lugares* (destinado à inscrição de espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas). (SANT’ANNA, 2003, p. 53)

Lopes Leal (2009) lembra que a Festa de São João de Seo Zico Borghi recebeu a honraria do município, pelo fato de estar inserida num espaço de tradições históricas e de ser realizada em meio rural, em uma região que, segundo ele, “tem presença marcante na história de Maringá”.

Mais do que entreter ou divertir, os eventos festivos religiosos cultuam crenças e encerram pedidos e agradecimentos. Soma-se também a função de sedimentador das relações sociais e fomentador de ações solidárias, elementos essenciais numa zona pioneira de colonização recente. (LOPES LEAL, 2009)

O dia 28 de abril de 2008 foi marcado pelo projeto apresentado em reunião dos vereadores na Câmara Municipal de Maringá. Foi nesta ocasião que a Festa de São João de Seo Zico Borghi, foi citada pela primeira vez como um possível bem imaterial da cidade. Desta forma, no dia 23 de junho de 2008, Seo Zico e sua família receberam presenças ilustres na celebração de mais uma noite joanina. O Prefeito Sílvio Barros, o Vice-Prefeito Paulo Pupim e a Secretária da Cultura, Flor Duarte, estavam presentes. Flor Duarte e outros membros da Secretaria da Cultura, ajudaram Seo Zico nos preparativos da festa.

Segundo o pioneiro, este incentivo da Secretaria da Cultura e o registro da festa idealizada por ele como Patrimônio Imaterial de Maringá, acabou colaborando para melhor organização da festa. Devido ao grande número de pessoas, ficava difícil garantir a ordem durante a festa. Desde o ano passado, a Prefeitura Municipal passou a enviar seguranças no dia 23 de junho, na Estrada da Gleba Pingüim.

Outra facilidade, para Zico Borghi, é em relação aos preparativos da festa, uma vez que a Secretaria da Cultura passou a cuidar de boa parte desta área.

Melhorô porque saiu muito peso das minhas costas. Porque eles tão fazendo tudo, tão trabalhando, tão arrumando as coisas. Quando eu penso em fazer alguma coisa, eles já fizeram. Que nem mesmo o caminhão de lenha que vai lá e eu cheguei lá e pergunto: “e o Caminhão de lenha?”, eles fala “Ih, já arrumei o caminhão, ele vai leva a lenha lá”. (BORGHI, 2009, p. 13)

Na festa organizada esse ano (2009) por Seo Zico com o apoio da Secretaria da Cultura, manteve as tradições de outrora, porém, devido a chuva que caiu na noite do dia 23 de junho de 2009, a fogueira foi apagada com o volume de água e não houve a passagem nas brasas, como de costume. As preces feitas no mastro dos três santos juninos, foram feitas por moças de fé, que se submeteram a realizarem os pedidos em baixo de chuva.

Outros ritos não realizados e profundamente sentidos pelo público da noite, foram a brincadeira no Pau de Sebo e a passagem pelas brasas. Esse ano, infelizmente, São Pedro resolveu não colaborar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Festa de São João idealizada por Anníbal Borghi a qual nesse trabalho desvenda-se – tanto por registros disponibilizados de bom grado pela Secretaria da Cultura do Município de Maringá, por meio da jornalista Raquel Coelho, ou nas conversas que tive com o idealizador da festa, contribuíram para que eu, como moradora de Maringá, passasse a valorizar e apreciar mais essa e tantas outras manifestações populares existentes na cidade.

Seo Zico costuma fazer poesia, com cada árvore derrubada de sua propriedade, descascada pelas próprias mãos do pioneiro e cobertas, com esmero, por matérias primas adquiridas no sítio Boa Esperança. O pioneiro, além de ter um coração humilde, traz em cada conto, uma história e uma risada – ele gosta de contar histórias, daquelas mais impossíveis de serem reais.

O real, na verdade, pode ser observado em todas as noites do dia 23 de junho, lá na Gleba Pingüim, onde o povo se reúne para festejar o dia de um dos santos mais “poderosos”, segundo Seo Zico, da Igreja Católica, São João. Em noites deste santo, vale de tudo. É dança, quadrilha, viola, quentão, prece, provas de fé.

Realizar um trabalho monográfico sobre a festa que conheci ainda pequena e que visitei por duas vezes apenas (a primeira no final dos anos 1990 e a deste ano, 2009), provocou uma valorização de crenças populares, que nos são passadas, assim como a divulgação feita por Seo Zico, de “boca em boca”. Seja por nossos avôs que tiveram histórias parecidas como a de Anníbal Borghi, contadas com a lucidez – digo isso com tom de admiração, pois a história de nossas vidas é cheia de detalhes, contratempos, desencontros. Senhores como Seo Anníbal, são caçadores de lembranças, contam histórias vivenciadas há tantos anos, como se tivessem acontecido ontem, ou, na véspera de São João Batista.

A monografia apresentada e por mim analisada, buscou em autores das ciências sociais, sobretudo, explicações sobre essas manifestações tão presentes nas nossas memórias, de filhos e netos que moraram na zona rural e transitaram por caminhos diferentes, porém com as ricas raízes da zona rural. Tive com afinco, a vontade de desvendar essas histórias, tanto a de Seo Zico, como as citadas por folcloristas e autores da cultura popular e, como não poderia faltar, os líderes da folkcomunicação, elucidados por Luiz Beltrão (2001). Com base nessas teorias pude conhecer e identificar tais elementos na festa de Seo Zico.

A folkcomunicação atente a esses grupos considerados à margem da sociedade, por Luiz Beltrão. Prefiro quebrar este conceito como o de grupos peculiares e repletos de símbolos e significados, integrantes da cultura popular brasileira, multifacetada. Elementos do folclore, como as adivinhações joaninas, são reminiscências de culturas antigas, que nós, brasileiros, resgatamos e readaptamos, de acordo com nossos conhecimentos repassados seja por membros da família, ou por pessoas próximas.

O líder de opinião foi o elemento da comunicação de massa conceituado pela folkcomunicação que mais me interessou, durante as pesquisas beltranianas e de seus discípulos. Luiz Beltrão ressalta a importância deste tipo de comunicador mediador, para as classes populares. Identifico as características do líder de opinião na imagem de Seo Zico Borghi.

Pioneiro, antigo morador da região rural, Borghi veio para a cidade de Maringá, mas não se esqueceu das raízes que permearam boa parte de sua história. Foi justamente no sítio em que viveu por anos, que o paulista radicado maringaense, escolheu para ser realizada uma das maiores festas juninas rurais celebradas no Paraná. Um ambiente familiar e amistoso, formado por entes queridos, sejam eles “de sangue”, ou compadres de Borghi.

A divulgação da festa, “de boca em boca”, como tantas vezes elucidada por Anníbal Borghi, obteve um *feedback* além do esperado pelo pioneiro e por sua família. Foi por meio de conversas que Anníbal se tornou Seo Zico e, que a festa caipira realizada pela primeira vez no dia de São Pedro, transformou-se em Patrimônio Imaterial de Maringá.

A credibilidade do canal *folk* que Seo Zico criou, ou recriou em suas conversas informais, via comunicação oral, é um elemento suficiente para que a festa de poucos, recebesse anos depois, muitos, devido à audiência *folk*, que eram, inicialmente, os grupos próximos a Seo Zico, sejam eles, agricultores da zona rural, ou amigos feitos na região urbana. O resultado é que durante a festa deste ano (2009), notei a diversidade do público participante. No Colégio João Gentilin, onde hoje a festa é realizada, haviam senhores que seguiam as festividades juninas dos Borghi desde 1982, até um casal da região urbana que ouviu na rádio a informação de que naquela noite haveria uma festa tradicional na zona rural de Maringá, e resolveram conferir.

São esses elementos que fazem da festa de São João de Seo Zico Borghi um objeto de análise folkcomunicativa, além de também creditarem a honra de serem formadores do que hoje veio a ser Patrimônio Imaterial de Maringá e, objeto de memória para aqueles que quem sabe um dia, venham a se interessar por essa manifestação cultural que acontece ali, do lado da nossa casa.

## REFERÊNCIAS

- ALDÉ, Lorenzo. Isto é São João? **Revista de História da Biblioteca Nacional**. n. 45. jun. 2009.
- ARAÚJO, Alceu Maynard. **Cultura popular brasileira**. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: INL, 1973.
- ARANTES, Antonio A. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação, um estudo dos agentes e dos meios populares de informação, de fatos, expressões e idéias**. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.
- BORGHI, ANNÍBAL. **Entrevista concedida a Isabela Mattioli**. Maringá, 17 jun. 2009.
- CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CASTELO BRANCO, Samantha. Metodologia folkcomunicacional: teoria e prática. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- CHIANCA, Luciana. Chama que não se apaga. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. n. 45. jun. 2009.
- COSTA SILVA, René (Org.). **Cultura popular e educação: salto para o futuro**. Brasília: MEC, 2008.
- FRADE, Cássia. **Folclore**. 2 ed. São Paulo: Global, 1997. (Coleção Para entende; vl. 03)
- GOMES, Lindolfo. **Santo Antônio Casamenteiro**. Artigo publicado na revista eletrônica Jangada Brasil. Apresenta textos sobre manifestações populares e folclóricas: <<http://www.jangadabrasil.com.br/agosto60/festajunina.htm>>. Acesso em 30 ago. 2009.
- MARQUES DE MELO, José. **Teoria da comunicação: paradigmas latino americanos**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MARQUES DE MELO, José. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 4 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

**O melhor do almanaque Brasil de cultura popular.** Direção Executiva Elifas Andreato, Bento Huzar Andreato; Coordenação Geral Janaína Abreu. – Curitiba: Ed. Positivo, 2004.

RIBEIRO JÚNIOR, José C. N. **A festa do povo:** pedagogia de resistência. Petrópolis: Vozes, 1982.

SANT'ANNA, Márcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In. ABREU, Regina; CHAGAS, Márcio (orgs.). **Memória e patrimônio:** ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A - ENTREVISTA COM ANNÍBAL BORGHI (não estruturada)

### **Seo Zico, como a festa de São João começou? O Senhor ainda morava na Gleba (Pingüim)?**

Começou em 82, eu sai vim pra cá né [para a casa da cidade], vim morar aqui. Aí eu pus uma empregada lá, né. Aí eu falei assim, alembrei que os pionero - aquelas pessoa antiga fazia esse tipo de festa, né. Só que eles fazia assim, um era devoto de Santo Antônio, fazia na véspera de Santo Antônio que é dia 13 de junho, né. Então erguia um mastro com um santo só: Santo Antônio. Aí outros fazia dia de São João que é dia 24 na véspera, aí fazia naquele dia. E outros fazia no São Pedro que é dia 29. São Pedro né, sempre na véspera. E as veiz nós ia em até treis pessoa assim, né, reza o terço. Aí depois passo, acabo, né, ninguém mais feiz. E aquela veiz que caçaram o santo da igreja, não sei se você alembra, uma vez caçaram o santo, tinha muito santo na igreja então deu uma modificada, né. E aí acabou esse negócio, nunca ninguém mais feiz isso daí, paro todo mundo paro, e quando chego nesse ano de 82 eu resolvi, falei com a minha empregada que morava lá no sítio. Eu falei: “ah, vamu faze uma festinha aí? Nós chama os vizinho, faiz o terço, ergue o mastro... e daí nós ergue o mastro reza um terço do jeito que era antigamente, faiz a fogueira, né, e então nós combinamu. Só que nois feiz, ela [empregada] era meia devota de São Pedro né, então eu falei: “Vamu faze na véspera de São Pedro, aí nois fizemu uns treis ano, mas só uns treis quatro vizinhu, certo. E daí começo divagarzinho de pouquinho, de pouquinho, de pouquinho foi aumentando, aí nós resolvemu passa nas brasa e o dia próprio de passa nas brasa é no dia 23, véspera de São João. E daí mudamu a festa pra São João. Só que eu ergui os treis santo né. Os três santos no matro.

### **Até hoje?**

É, até hoje. Mais um tempo usava assim quando se erguesse os treis santo rezava treis terço, mas hoje o povo tá assim, meio descrente, meio preguiçoso, ainda de Joelho rezava ainda, joelhava e rezava. Aí, eu falei: “vamu reza um terço só pros treis santo”. Aí depois eu resolvi faze a missa aí eu falei: “ah, vamu faze a missa também né”, porque é mais perfeito, o padre vem e ele benze o quadro, o quadro vai

ser benzido, então tem mais valor. Aí nós começamu a faze a missa, aí eu comecei a fala assim: vamu faze uma missa sertaneja né, uma missa assim de sanfona viola né. Aí começamu a faze essa missa de viola e dança. E a missa de viola né depois sai o terço, depois a gente faiz aquela procissãozinha, e a gente, espalha umas vela pra faze com vela acesa, aí ergue o mastro sorta bastante foguete e canta aquele hino, não sei se você sabe, é assim: “Levantai-vos soldados de Cristo...” [canta], aí vai erguendo o mastro e soltando foguete, aí o santo fica despertado né porque solta bastante foguete, o santo fica tudo acordado, porque diz que São João dorme muito, né.

Eu não sei se você sabe um pouco do significado desses santo, porque Santo Antônio é casamenteiro? Porque, como eu vinha falando, as moça vai faze simpatia, né pra casa, faze pedido, não é simpatia, é pedido né, é valido porque a gente faiz aquele pedido, uma promessa, né. E para falar a verdade para você, nesses tempos todos que estou fazendo a festa eu já recebi uns dez ou 12 convite de noiva lá e arrumou um noivo pra casa e traiz o convite pra mim. E eu fico todo estorando de satisfeito, de saber que foi atendida, né. Porque eu falo bastante para Santo Antonio na hora, pede o que vocês quisé. Outros pedem emprego e arrumam emprego. Porque tem três santo poderoso, com poder infinito. Vô conta pra você porque que Santo Antônio é santo casamenteiro. Ele vivia numa cidadezinha pequena, lá na Itália, aí o prefeito de lá decretou uma lei que moça rica tinha que casar com moço rico e moça pobre com santo pobre. Aí Santo Antonio acho aquilo errado, como de fato aquilo é errado. Ninguém escói casamento pra ninguém, é a pessoa que escolhe. Nem os pais, nem podem escolher, porque vai escolher um que não é do seu gosto Casamento tem que dar aquele “tim”, gosto, gosto, acabo. Agora vai casar com uma pessoa que não gosta para fazer o gosto dos pais. Não conhece, não sabe e aí você vê o prefeito vai mandar? Então ele lutou, lutou derrubou aquela lei aí ele morreu e virou santo e então ele fico o padroeiro do casamento. Por isso que ele é padroeiro do casamento.

E o São João, a fogueira de São João, a fogueira foi o primeiro telefone, as primeira comunicação. Porque eles moravam assim numa aldeia, assim como se fosse uma colônia, lado a lado. E quando nascia uma criança naquele bairro, eles ascendiam uma fogueira que era pra dizer que a criança nasceu. Que é quando a mãe ta esperando. Então, São João também foi acendida uma fogueira, muito bonita

então todo mundo falava, já sabia, ai João nasceu, João nasceu. Ai por isso da fogueira.

Aí o significado de passar nas brasa, que nem a gente passa nas brasa, isso é uma devoção, uma fé da pessoa. E o horário de passar é a meia-noite certinha do dia 23 pro dia 24, o dia certinho de passá. Por isso que a gente passa lá, tem gente que passa, você já viu lá passar?

**Eu vi já e passam descalça e, de acordo com a crença depende da fé, como é que é?**

É quatro coisa que eu descobri, né. Nesse meio tudo que eu venho fazendo a festa, eu descobri ó: é fé, coragem, concentração e humildade. Tem que ser aquelas pessoas humildes, porque elas já são meia santa, né. Então eu descobri que tendo essas quatro coisa, passa. Não pode abusar, tem que concentrar fala: “eu vou passar e passa memo, não abusando, bem compassado, as brasa chega, tra, tra, tra e passa pro outro lado.

**Quantos metros de brasa?**

Ah, eu não faço muito comprimo, mais ou menos uns quatro metros. De três, quatro, as vezes eu faço menos. Porque depende da brasa que tem, depende a fogueira. Porque a gente tem que fazer uma fogueira com lenha que dá brasa. E hoje ta muito difícil essas lenha que dá brasa. Tem mais essas lenhas moles, que viram cinza e cinza não eh perfeito.

Aí essas festa foi crescendo, e o São Pedro é o primeiro Papa que Deus deixou, então são santos que tem muita força, poder e naquela hora que a gente sorta tudo aqueles foguetes, aquele povo, com aquela fé, to que a gente pedi ... teve uma mulher uma veiz que pediu a são João, santo Antonio, que se ela sarasse, ela passava nas brasa, e ela sarou e passou, então é tudo coisa da fé.

Que um tempo o povo tinha uma fé, coisa assim bunita demais. Eu conheci muita gente que fazia esses terço sabe, rezava, cantava e aquele tempo a gente morava tudo no sítio e tinha muita gente no sítio, aquelas colônias, aquelas coisas, então cada um tinha uma devoção, ai a gente ia às sete horas a gente rezava um terço aqui, oito horas num e outro e nove horas no outro. Santo Antonio, depois São

João e São Pedro. Rezava tudo isso daí. E depois acabo, ninguém mais feiz, nem foguete sortava mais e daí morreu.

E daí eu resgatei essa festa, ai foi crescendo, a televisão começo a i faze propaganda e filma passando nas brasa, aí foi ajuntando gente, foi ajuntando gente e hoje não tem nem lugar pra estaciona, o povo não sabe nem como é que faiz né. Isso daí é tradição de dá tudo de graça né, num pódi corre dinheiro nessa festa né. Se corre dinheiro não é por uma festa bonita. Só que um tempo não dava tanta gente, e agora dá, então fico difícil né. No começo eu assava batata, torrava amendoim, é... fazia tudo essas coisa difícil né, agora a gente paro um poco de cozinha batata, porque vai cuzinha batata não tem o que chegue, amendoim também... muita gente, mas a gente sempre tem um pouco pra não acaba a tradição, então mais o meno é isso, sempre no dia 23, na véspera de São João.

E nois tem uma, essa é mais é uma simpatia que a gente faz de São João, sabe aquele orvalho que cai na grama no dia 23 pro dia 24, a gente pega e móia a palma da mão naquele orvalho e passa na cabeça, o cabelo não cai, principalmente pra homem que já é tudo careca. O meu filho é careca né, então quando ele começou a ficar careca, ele foi no médico, chego lá e quando ele entro no escritório do médico lá, o médico era careca, ele falo: "ah, não adianta nada, o médico é careca que que eu vou faze aí." Óia a minha família, parece brincadeira, mas não é minha família é tudo careca , a maioria, italiano, né, você já viu. Mai eu venho fazenu simpatia todo ano e eu não sou.. eu não tenho. Eu não sei se é a simpatia que a gente faiz lá pedindo pra.. eu acho que foi valida, eu falava pro meus filhu faze eles num fazia, num acreditava, eu falei então fica careca. Aí um dia tava fazendo propaganda falando na TV Cultura, e mostrando e eu mostrando, fazendo a simpatia, ai meu filho careca vinha e eu falava: "vorta, vorta, vorta", [risos]. E eu fazendo propaganda da simpatia e vindo meu filho careca, que adianta, mas ele não fazia, não quis, não acredito, faze o que.

**Essas famílias que participavam, que começaram desde o começo com o senhor, até hoje elas ajudam, quem que eram essas famílias, elas moravam ali, continuam tendo sitio? Como que é?**

É, não, depois essa família foram embora, né. Aí no meu sítio agora mora um filho meu. E nós fazia só com os vizinho, né. Eu convidei a primeira vez só os

vizinho, então era pouca coisa né. Estourava pipoca, quentão né, e daí foi aumentando, aumentando... a turma gostava e gosto achava bonito né, aí começo a aumenta.

**E era assim é, sempre a propaganda era feita de boca em boca né, nunca o senhor divulgou nada? Até hoje?**

Até hoje a gente é de boca em boca, a gente não fala nada porque não é uma festa que corre dinheiro né. Quando corre dinheiro a gente publica né, aqui não é sempre de boca em boca, é muito difícil, se faze propaganda que talvez uma propaganda, não é eu que mando faze, e se tiver correndo dinheiro lá tem alguma coisa errada. Se tiver gente vendendo alguma coisa, a gente podi chega lá e fala não, aqui não pode né, aqui não pode corre dinheiro. Se corre dinheiro acaba a tradição. Eu ganho bastante coisa né, eu ganho vinho dos Pascoeto, eu ganho é biscoito da Da Mari, eu ganho bastante coisa. Sempre o Odair Fogueteiro me dava os foguete, agora ele perdeu e eu to comprando né, to pedindo. Mas assim mesmo assim ele vai me ajuda, ontem fui falá com ele e ele ta fazendo por metade dos preço.

**Mas antigamente o senhor fabricava os fogos ou não, sempre foi comprado?**

Não. Sempre foi comprado. Nós não fabricava, mas muita gente leva, né. Principalmente as criança, vai lá sorta foguete, sorta, bomba, bombinha. E eu gosto, quanto mais foguete melhor né. Tem gente que não gosta. Tem que saber soltar també,, não pode sorta no meio do povo, uma vez aconteceu deles sortaram no meio do povo e uma vez machucaram uma mulher lá. Mas sempre nós tem ambulância lá, o Bravim sempre vai com ambulância e se acontecer alguma coisa, ele leva.

Eu tinha muito medo de briga né, porque as veiz a polícia vai lá depois vai embora, agora não, agora já vai te segurança, vai te doze segurança nessa festa, e a policia também né.

**Isso quem ta providenciando tudo é a Secretaria da Cultura?**

É, providenciando tudo, agora eles que estão organizando. Primeiro eu tinha, nós fazia as coisa nós, agora eles tão levando as cozinheira dali da prefeitura né.

### **Mas há quanto tempo isso?**

Do ano passado pra cá, desde que foi tombado. É, porque eu falei né vocês [pessoal da Secretaria da Cultura] já tão ligado mesmo já tão tudo aí já traz também já tudo mundo. Hoje mesmo, hoje já estão preparando lá o ginásio lá. Eles iam lá lavar, limpa.

### **E onde que vai ser?**

Na escola João Gentilin.

### **Por que antigamente era onde?**

Era no meu sítio. No barracão né. Então eu tirava o maquinário fora, dava trabalho né, e tirava o maquinário pra fora. Depois minha a mulher ficou doente, ela não tava querendo festa né, aí eu falei assim: “ah, eu vou procurar fazer noutro lugar pra não acabar a tradição”. Aí procuremo a escola, a diretora atendeu muito bem, falou não pode vamu faze aqui. Aí tamu fazenu na escola, tem mais conforto né, mais, na escola. Se sair uma briga qualquer coisa lá não tem nada, agora no meu sítio é perigoso pra gente, compromete a gente né. De fato a gente evitava. Porque, tem uma rapaziada que vai na festa mas não é pra ir na festa, eles fazem a festa deles na festa da gente. Abre o porta mala do carro e sorta aquele som naquela purta artura e atrapalha a gente. Uma vez a gente foi fala com um lá e quis brigar, acho ruim, virou uma anarquia, era maconheiro, sabe? Mas aquele cara deu trabaio pra nós. Ai fiquei sabendo noutro dia, que era filho de um colega meu que jogava bola comigo. Ai eu falei, se sai uma briga a gente se lasca tudo, vai ver era um amigo da gente. Aí a gente evitou de tudo o jeito, dava conselho, se saísse briga, a gente se matasse lá, ia ver era filho do colega da gente.

Uma vez fui fala com o pai dele e falei pra ele ó, eles vão lá faiz muita bagunça, estraga a festa da gente, não é cobrado nem nada, mas a gente tem que respeitar. Eu sempre respeitei festa dos outros, porque as veiz luta, luta, faiz isso,

faiz aquilo, ai vai um lá para brigar naquele dia, né. Eles querem aparece naquele dia e ai vai fazer confusão. A gente nunca deve estraga a festa dos outros.

### **E quem faz som lá na festa? Como é que é?**

Lá nós arruma sanfoneiro né, Tercílio Mem, mais ou menos, porque ele é mais antigo né, e tudo ele sabe aquelas “moda limpa banco”, aquelas marchinha que a gente dançava um tempo, porque quando tocava aquelas marchinhas a assim todo mundo ia dança, daí tinha o nome de “limpa banco” sabe? Porque ela chama a atenção pra gente dançar, e aquilo é gostoso pra daná. Mas as veiz troca o sanfoneiro e ai tenho que avisar: “é limpa banco”, nada de vanerão, essas coisas que não quero, e a quadrilha né, nós faiz a quadrilha também. No começo nós chamava alguém que tinha quadrilha, que tinha organizada, mas a festa é tão rápida que não pode nada ser demorado, aí aquilo lá até que se aprontava e coisa e tal, atrapaiva a festa. E agora não, nós faiz assim, sabe nós faiz uma quadrilha na hora com todo mundo, todo mundo mais o meno sabe né, aí meu filho canta a quadrilha, os par mesmo assim os casais, nem que não sabe enfeita né, nem que erre um pouco, não tem problema nenhum, pelo menos já sai rápido e acaba rápido... quem quiser participar já, né. Eu gosto que vai vestido de caipira né, essa festa é uma festa caipira, eu gosto e eu peço pras pessoas vai vestido de caipira né e tão bonito né... um dia diferente né... Vestidos de chita, uma coisa um chapeuzinho e eu falo assim: “vai com roupa ruim”, porque lá não tem conforto e se quiser sentar no chão senta. Agora eu não falei nada sobre a festa, que nós punha aquele pau de sebo. Pau de sebo chama bastante a atenção, muito gozado porque, a gente faiz aquele pau de sebo e eu pego eucalipto tiro a casca e ele já fica liso, aí passa sebo, sebo de banha de vaca né. Aí não tem quem sobe. Ai eu ponho nota lá né, eu marro nota de 10 de 20 reais lá em cima, os cara vê assim fica loco, começa a subi, aí ele não sobe porque escorrega, aí eles faiz aquela escada humana, ai põe um forte embaixo e um vai subindo no ombro do outro vai indo vai indo e de repente cai tudo mais alguém se morre de rir.

Então e a fogueira n, que a gente sempre faiz, a gente procura faze de “madeira de lei” - madeira mais forte que dá brasa e não pode faze muito grande, se faze muito grande a fogueira não queima até a meia noite. Então tem que se, ela tem que vira

brasa até na meia noite, e a meia noite passa nas brasa que é, que a pessoa gosta mais, vai lá pra vê, fala assim eu nunca vi eu quero vê né. Modelo antigo, tradicional.

### **\*Expliquei sobre a folk.**

Agora lá é assim ó, a escola mandou fazer cartazes (mostra os cartazes), aí isso é colocado lá nas parede, lá no ginásio. “Arraiá da família Zico Borghi”. Isso ai eles mandaram faze, não é porque foi tombado, vocês ainda é dono da festa. “Arraiá Du Seo Zico Borghi”. Eles faiz tudo do jeito que eu quero, alguma coisa não. Agora mudo um poço. A gente já chegemo a fazer fila, não dava certo. O povo invadia. Ai nós servia o quentão meio frio, o cara fazia assim: “dá um quentão ai, glup”, “dá um quentão aí, glup”. E ficava ali, não saia e só bebia ele, os outro não bebia nada de quentão. Ai nós falemo assim: “vamo servi fervendo”. Ai nós dexava fervendo ai o cara pegava aquele copo assim fervendo né e saia assoprando e dava espaço pros otros. Mais não funciona, depois muita gente, agora tão distribuindo senha. Ai mioro. Então fica lá fechado, fica suas professora lá na portaria, conforme vai chegando, vai dando a senha. Agora todo mundo ta tomando o quentão, pegando doce, pegando coisa, pipoca, tudo com senha. Ai fico mais organizado.

### **Quais são os doces?**

Lá nós temos o quentão de vinho e quentão de pinga, chocolatada, que a turma gosta muito. Pipoca, canjica que nós faiz mais. Coisas assim um poço mais fáceis. E nós distribui doce, muita gente leva bolo, a gente corta, e doce, biscoito eu ganho sempre de 8 a 10 saco de biscoito Da Mari, na divisa de Paiçandú com Maringá. Ai a gente distribui biscoito, assim. Agora doce dá bastante doce, doce de venda, você sabe qual que é né. Pipoca é o que mais tem. Isso é no começo né, daí quando chega mais no fim, a gente muda. No ano passado a gente mudo, quando todo mundo já tinha comido, a gente abriu exceção, pegava aquelas caixinhas de doce e saia distribuindo. Até no meio da festa vai ser por senha, depois vai sendo assim. Se não sobra muito, igual ano passado sobro tanta coisa, Meu Deus. Esse ano não sei se vai muita gente né. Nós tem receita da canjica, do quentão, ele tem que ser, não pode ser que nem eles fazem por ai, colocam muita pimenta. A minha mulher fazia quentão, ela fazia diferente. Ela pegava gengibre e muía e punhava dentro de um

saco branco, custurava e punhava dentro do calderão pra ferve junto, pra não ficar ... pimenta ela não coloca, pimenta arde muito né. Ela fazia um quentão suave, que a turma adorava. Então a gente ta passando isso ai pra eles, né. A minha nora faiz o quentão agora lá, né, e ensina pra eles.

A canjica tem que pô de molho antes. Chocolatada também, é feita tudo em casa. Receita nossa, minhas filha que faiz, ensina. Inclusive a canjica vai punha uns dois dias antes de molho, sabe. Pra fica mais gostoso, com aquele caldo grosso, sabe? A turma come, bebe e tudo coisa boa, só os doce que vem fabricado, doce de caixinha né.

Refrigerante nós não damu, nem cerveja né, nós não compramo nada disso. A festa é diferente. Tinha muita gente que falava assim: “mas você tem que fazer essa festa comercial, dá pipoca, dá as coisa, mais vc faiz churrasco, faiz cerveja.” Eu falo, não, mas não é tradição. Eu não faço essa festa para ganhar dinheiro.

Ai a pessoa que cobra acha que já tem o direito de mandar. E lá ninguém pode mandar nada., porque nada é cobrado, não corre dinheiro. E eu não quero que corra dinheiro. Tem gente que fala: “ai eu vô lá, ai te pago uma porcentagem. Sai eu falo: “não, se você quiser ir e levar seu carrinho e distribuir de graça, você pode ir, agora se não for de graça, não, sinhô. Ai se eu vejo corre dinheiro lá, não aceito, perde a tradição.

Quem vai lá eu sempre falo: pode deixa a cartera em casa. Não tem coisa pra vende? Não, não tem, você vai come o que nós dé, vai bebe o que nós dé. A turma bebe muita cerveja ai fica caçando briga, calando coisa. E também a meia noite caba. Passo nas brasa, acabo a festa. As veiz eles fala: “vamo dança mais”, não. Eu já falo pro tocador: “fecha a sanfona”, porque fim de festa é um perigo sair briga. E engraçado é que o baile ta quente, sabe, tá fervendo, ai eu vo lá pra fogueira, meche as brasa, o baile acaba sozinho, vai todo mundo pra lá, rpa pega a frente, sabe? Ai o tocador fica tocando sozinho, ai para tudo. Onze hora, onze e meia começa a caba a festa, já vai tudo pra fogueira, tudo qué vê.

E esse ano vai passa o padre da Santa Rita, Padre Rogério. Porque lá pertence pra ele, paróquia santa Rita do Itaipu. E ele vai passar, é um padre novo que chegou ai e ele passa, passa. Eu quero só vê.

**Qual o horário da festa?**

Às sete horas mais ou meno. É marcado às sete horas mas sempre atrasa. O terço é depois ai vem a procissãozinha pra ergue o mastro. Ai ergue o mastro cantando aquele hino: “Levantai-vos soldado de Cristo”, é o começo do hino e tem nos coisas ai, mais só naqueles livro mais antigo. Aí a gente vai levantando o mastro e sortando foguete. Ai tem o pedido, você põe aí que tem o pedido, pede cada um de pensamento e tem a simpatia, o pedido de arrumar noivo, arrumar noiva. Ai tem a vela, que a turma quer colocar no pau lá, pra fazer casamento breve. Só que eles faiz simpatia e na hora dá aquela confusão e eles pensa que colando a vela já arruma casamento, mas o casamento é assim: Eu levo quatro soquetinho, puxa a terra assim, é tudo coisa simples, que Deus não gosta de coisa complicada ai puxa assim e vai socando e fala assim, eu ensino: “Santo Antonio manda um noivo do meu gosto” e fica socando. Quem for leva uma vela, eu distribuo, mas nem sempre dá para todos.

### **Então a vela cola no mastro?**

Se ela colar é casamento breve. Agora a simpatia, o pedido e socar e pedir. Mas tem gente que faiz assim, eles pega outra vela, queima o outro lado assim, pra colá (risos). Ai não vale, né. Ai depois que faiz os pedido tudo sorta o baile os comes e bebe. Antes não sorta nada, não pode come nada. Porque se um tive rezando e o outro comendo, não fica bem. Então é assim, nós não sorta nada enquanto não acaba as reza tudo. Ai com o baile vem a quadrilha, e um casamentinho caipira, esse ano vai te. Nós fazia casamento caipira e nós precisemo para, porque demorava muito e tudo é rápido, tomava o tempo. Ai agora eu to fazendo assim, arrumando uma noiva e um noivo da minha família mesmo e eu sou o padre. Eu faço aquele casamento rápido e declamo uma poesia “Casamento no Arraia” que eu fiz, quando a minha filha casou, que eu faço poesia né, que você sabe. Daí eu faço o casamento assim, ai dou os parabéns pra noiva, uma salva de palmas daí eu falo aquela poesia assim:

“Dois jovens se namora para um dia se casá,  
 Todo mundo espera a festa até que o dia vem chegar  
 Vamos todos lá para a igreja pra ver os noivo se casá  
 O noivo espera a noiva bem pertinho do artá  
 Daí chega a noiva todo mundo que olhá

Os pais leva a noiva para o noivo lá entrega  
 Daí sai o casamento, pra nunca mais separá  
 Daí se reúne o povo para festeja no arraia  
 Todo mundo come e bebe depois nós vai dança  
 Todo mundo se diverte até o dia claria  
 Mais ninguém lembra dos pais da noiva que sem sua filha vai fica  
 A gente olha pra todo canto, pois a filha não está  
 Pois ela é mulher casada, seu marido tem que acompanhar  
 Vocês , dona-de-casa, um dia se casou  
 Abandonaram vossos pais, vosso marido acompanho  
 Mais não esqueça dos paizinho, que as veiz tão longe, lá ficou  
 A ele você deve a vida, foi eles que vos criou  
 E você que é marido, trate bem sua muié  
 Pois ela abandonou tudo, seguiu você com muita fé  
 Mais não faça ela de escrava, nem pisa ela com seus pé

\*eu pego no pé dos homem, porque a maioria dos homem, eles não trata as mulher como merece, sabe. Meio brutão, assim né. A mulher tem que levar na palma da mão. A mulher é tudo dentro de uma casa. Ela é a chefe da casa, a virgem Maria da casa. Então tem que ser bem tratada. Ela é companheira, amiga, não é escrava. Por isso fiz essa poesia quando minha filha caso eu puis esse verso e as mulher gosta. As veiz quando ta bebendo assim, em veiz de fala “não pisa ela com os pé” eu falo “não troca ela pelo me”, porque a maioria dos homem troca a mulher por bebida. E isso não presta, eu conheço bastante que a mulher teve até que se separa.

E o engraçado é que quando eu convido de boca em boca, se ta o casal, eu chego e falo pra muié e dexo o homem só olhando. Eu convido a muié porque se ela vai, ela leva o marido, se eu convido o marido, ele vai e não leva a mulher, então eu faço isso.

Fiquei 49 anos casado.

Eu gostava muito da minha muié, quando tinha 14 anos. Ela era bonita pra daná, nós casamos em 58. Como eu faço poesia, feiz treis moda pra ela depois que ela faleceu. Eu fiquei triste demais, deu depressão, agunia, meus filhos queria me levar pra casa deles, mas eu não quis. Ai colocaram uma babá aqui, enfermera né, pra cuidar de mim. Mais eu passei tão mal, depois de dois anos que eu to melhor. Mas eu sofri demais, ainda sofro muito. Ela fazia comida tudo né, as minhas meninas

traiz, ou compro marmitta, quase não faço comida né. Poso sozinho, moro sozinho, tem dia que não to muito bem e coloco o telefone pertinho e ela vem aqui, me leva no médico.

To na área agora, vô lá faze a simpatia também.

Eu sou muito religioso né, daí então eu fui congregado mariano,. Eu to quieto no meu canto. Não pulo cerca, não faço nada errado, faço tudo certinho. Se eu pula cerca, fizer coisa errada, eu não posso comungá. E hoje nós tem um pobrema muito sério que é o adultério e a AIDS, duas coisa muito perigosa. Então a gente tem que faze que nem São José e a virgem Maria.

### **E o senhor tem quantas filhos?**

Tenho seis filhos. Dois homem e quatro mulheres. Tudo casado.

### **Quantos netos?**

Doze.

### **E o senhor veio da onde?**

Itajubí, estado de São Paulo em 46, aqui no Pingüim já. Era só mato, não tinha nada, era um picadão na estrada Pingüim. Morei lá até em 82, vim pra cá (pra cidade), porque fiquei intochicado por veneno. Eu intochiquei e tive que sair de lá. Aqui em casa também não tinha nada, era tipo sítio, começo abri essa região naquela época. Depois abriu Novo Horizonte e foi assim *vupt*.

### **Essa Elisangela é que ajuda o senhor?**

Essa daí é que é a minha princesa. Essa daí é que faz tudo pra mim lá. Ta lá trabaiando que nem uma doida. Eu ponho uma borá, aquela bota alta lá, os pioneiro vestia assim: camisa xadrez, lenço no pescoço, chapéu, porque andava muito a cavalo. Essa aqui foi no baile dos pioneiro, foi a última foto que minha muié tiro, em 2007. Deu AVC e morreu com 66 anos, ficou 23 dias na UTI.

### **Ano passado?**

O prefeito foi lá, ano passado.

**O que o senhor percebeu que foi tombado?**

Melhor porque saiu muito peso das minhas costas. Porque eles tão fazendo tudo, tão trabalhando, tão arrumando as coisas. Quando eu penso em fazer alguma coisa, eles já fizeram. Que Nemo caminhão de lenha que vai lá e eu cheguei lá e pergunto: “e o Caminhão de lenha?”, eles fala “Ih, já arrumei o caminhão, ele vai leva a lenha lá”.

**E na fogueira, o senhor planta uma palmeira no meio dela?**

Não, nós não fazia nada disso, os pioneiro antigo não fazia nada disso. A única coisa é que nós passa nas Brás. Agora diz que aquele carvão, se joga nas planta assim, ajuda a planta, carvão de São João. A turma pega muito aquele carvão que sobra e espalha pela plantação. E eu já fiz isso também.

\*Seo Zico atende o telefone celular com ligação com Elisângela, da Secretaria da .